



CELSO MARTENS DEOLIND O AMORIM

UMA NOVA ERA

EXPLICAÇÃO

A 1st edição deste livro (numa tiragem de 3000 exemplares) saiu publicada em abril de 1990, pela Petit Editora e Distribuidora Ltda., situada em São Paulo, Capital, com total anuência da confreira Dona Delta dos Santos Amorim, mediante documentação passada em cartório.

Para logo a edição se esgotou e como o editor, Sr. Flávio Machado, a quem sou grato pelo que fez por este livro naquela ocasião, não pudesse providenciar sua reedição, como a obra está sendo procurada por muitos leitores, ei-la agora sob os cuidados de outro editor.

Dar-me-ei por contente se tal livrinho vier a ser útil a seus novos leitores.

CELSO MARTINS Setembro de 1994.

ÍNDICE

Prefácio	9
Preconceitos — <i>Celso Martins</i>	11
Sugestão e Persuasão— <i>Deolindo Amorim</i>	14
Deus e Cultura — <i>Deolindo Amorim</i>	21
A raiz dos males humanos — <i>Celso Martins</i>	26
Experiência e amadurecimento — <i>Deolindo Amorim</i>	29
O Desconhecimento e o medo — <i>Deolindo Amorim</i>	35
Mais perto de Deus — <i>Celso Martins</i>	38
Cultura e didática — <i>Deolindo Amorim</i>	41
Mentalidade primitiva — <i>Deolindo Amorim</i>	44
Campanha da não-violência — <i>Celso Martins</i>	48
Espiritismo e Sociologia — <i>Celso Martins</i> .	50
Carmen Cinira — <i>Celso Martins</i>	53
Sucessores — <i>Celso Martins</i>	56
Especialização e cultura geral — <i>Deolindo Amorim</i>	59
Os filhos do rei (conto) — <i>Celso Martins</i> .	64
Pluralidade dos mundos habitados — <i>Deolindo Amorim</i>	68
Inovação e originalidade — <i>Deolindo Amorim</i>	72
Mãe Preta (conto) — <i>Celso Martins</i>	76
A pena de morte e o ensino espírita — <i>Deolindo Amorim</i>	78
Alcoolismo — <i>Celso Martins</i>	87

PREFÁCIO

Sempre nutri por Deolindo Amorim, jornalista e escritor espírita desencarnado em abril de 1984, grande estima e elevado respeito pelo muito que ele fez em favor da difusão do Espiritismo em nosso Brasil e até mesmo além das fronteiras nacionais.

É bem verdade que não chegamos a ser amigos íntimos, embora residíssemos na mesma cidade do Rio de Janeiro. Porém, porque sempre tivemos uma grande afinidade espiritual, expressa em nossos escritos pelos jornais, o caso é que cartas e telefonemas trocamos algumas vezes e até escrevemos de parceria o livro PONTO DE ENCONTRO, já em 2ª edição, pela Editora do Lar/ABC do Interior, de Capivari, Estado de São Paulo.

Após seu regresso ao mundo espiritual, consegui com sua esposa e outros confrades muitos escritos do Deolindo Amorim e elaborei livros reunindo tais artigos que não poderiam ter a vida efêmera dos jornais. Um pouco depois, tendo

sabido que a Petit Editora e Distribuidora Ltda. estava propensa a lançar obras espíritas, para seus diretores mandei uma carta querendo saber se publicariam um livro meu. Eles aceitaram, para alegria minha. Então, na hora de organizá-lo, alvitrei por bem organizar um volume onde aparecessem páginas minhas e do Deolindo também.

Eis em que deu o meu esforço. Espero com isto contribuir para a difusão do Espiritismo, explicando que a renda foi, na ocasião em que a Petit lançou a obra em sua 1^ª edição (abril de 1990) revertida em benefício de uma instituição benemerente de Uberaba (MG).

Todavia, o editor Flávio Machado não mais pôde, por razões financeiras, diante da crise econômica do país, reeditar a obra. Permitiu-me ele, generosamente, utilizasse todos os fotolitos para outra tiragem através de outro editor. E é o que está acontecendo. Nova edição está sendo colocada em circulação, até porque muita procura a obra apresenta ainda agora, como tem chegado a meu conhecimento quer por cartas ou telefonemas, quer pessoalmente.

Sem mais a esclarecer, desejo paz e luz a toda Humanidade mediante a vivência dos ensinamentos de Jesus neste final de século XX, na antevéspera do tão sonhado Terceiro Milênio.

CELSO MARTINS

Caixa Postal 61003 - Vila Militar - Rio de Janeiro - RJ -21613-970

PRECONCEITOS

CELSO MARTINS

Quando eu era ainda muito rapazola, certa vez li num Almanaque, naqueles que saíam anualmente e se ganhavam de graça nas farmácias ou drogarias, ao se comprar algum remédio (e por aí o leitor já percebe que estou ficando velho!), li em tal Almanaque que o maior inimigo da Verdade não é bem a mentira, não! É precisamente o preconceito. Isto porque, diante da mentira, a Verdade se estabeleceria, porém a pessoa preconceituosa sequer admite esteja laborando um erro.

Durante longo tempo fiquei sem entender direito a filosofia desta assertiva, cujo autor não me lembro mais. Todavia, a vida me ensinou ser exatamente isto o que se dá na grande maioria das vezes. É difícil a erradicação de um preconceito na mentalidade de certas pessoas.

Tenho um conhecido que é homem muito culto e muito viajado. Tem vários cursos superiores, inclusive feitos no Exterior. É economista e fala diversos idiomas, incluindo-se aí o russo e o árabe. O pai era espírita e se formou em Medicina antes da Guerra Mundial, tendo trabalhado na Suíça (se não me engano) pela Cruz Vermelha Internacional. O filho não fica atrás. Funcionário da TJnesco, residiu até na França e nos Estados Unidos. Logo...

Pois bem, este meu conhecido teve de fazer uma pesquisa sociológica numa favela do Rio de Janeiro, um pouco antes de 1964, conforme revelou num trabalho científico.

Temeu então ser assaltado na primeira viela, na primeira biroasca, na primeira virada da colina. Disseram-lhe que ali só moravam marginais perigosos, ali era velhacouto de maconheiros, esconderijo de assaltantes desalmados. Assim, foi com o coração na mão coletar dados para sua pesquisa social. E saiu com outra impressão. Ali encontrou gente pobre, mas de boa conduta moral e social. Homens honestos e trabalhadores braçais, sem instrução, é verdade, mas corretos, cujas famílias numerosas de filhos viviam naquelas precárias condições por absoluta falta de dinheiro. Mulheres lavadeiras, mulheres que eram domésticas nos apartamentos de pessoas ricas da Zona Sul da Cidade Maravilhosa, mas mulheres dignas de apreço e de estima.

Há algum tempo aí atrás eu mesmo fiz uma palestra espírita dentro de uma favela situada nas proximidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro (a chamada Ilha do Fundão), palestra esta promovida num lindo domingo de sol, por um grupo de jovens espíritas que presta assistência àquela comunidade carente. E vi muitas coisas lindas que deixo de mencionar para não alongar demais a crônica presente.

Termino dizendo que, como cristãos, como seguidores de uma Doutrina de Amor como é a que nos legou o Mestre Jesus, ele que sempre andou com os doentes, os pescadores do Lago de Genezaré, com os pecadores desejosos de redenção espiritual — devemos ver as pessoas muito além das aparências, não as considerando pela cor da pele, pela forma do cabelo ou do nariz, de vez que, acima de tudo somos TODOS filhos de um mesmo Pai, que nos conhece em nossa intimidade mais profunda e a todos nos ama com igual amor.

Bem sei que esta tarefa não é fácil. Considero-a às vezes árdua. Porém não é de difícil execução, não! Poderemos realizá-la se envidarmos esforços no sentido de realizá-la, sim! Cada um de nós é muito mais do que a roupa que veste. Assim, por detrás de uma vestimenta singela e talvez até rota, remendada, pode ocultar-se um trabalhador intelectual ou braçal de raras virtudes morais. Ou então, alguém amargurado, triste, carente, esperando um pedaço de pão ou um vidro de remédio.

Tanto quanto uma indumentária altamente luxuosa pode esconder alguém vivamente imbuído do propósito de prejudicar deliberadamente o semelhante.

Há corpos sadios, fortes, vigorosos revestindo almas enfermas porque orgulhosas, vaidosas, ciumentas, intrigantes, malfazejas. E há corpos franzinos, enfermiços que são o cadinho purificador de espíritos que se voltam para o Bem comum.

Uma simples piranha, com o seu cardume, em questão de minutos é capaz de contribuir para devorar um boi que caia no rio onde ela vive. E a baleia azul, com seus 30 metros de comprimento, com suas 150 toneladas é inteiramente inofensiva, alimentando-se de minúsculas algas marinhas! Como as aparências enganam, não é mesmo?

Então, nada de preconceito contra A, B ou C. Como revelou o meu conhecido em sua pesquisa, uma pessoa aparentemente sem expressão pode ser o vaso de uma alma bondosa, honesta, correta, voltado para o cumprimento de seus deveres. Afinal de contas, segundo as lendas tradicionais, o próprio Jesus, o Espírito mais perfeito que passou à face da Terra, não teria nascido na escuridão da noite na singeleza de uma estrebaria, ante o carinho de Maria e José e o hálito de alguns animais domésticos enquanto em Roma

pontificavam os senadores e os Césares e pela Grécia passaram os filósofos e os artistas de renome?

SUGESTÃO E PERSUASÃO

DEOLINDO AMORIM

Embora estejam bem próximas nos resultados, sugestão e persuasão usam processos diferentes. É verdade que muitas pessoas reagem a qualquer forma de sugestão, como também não se deixam influenciar por argumentos persuasivos. Em grande parte, porém, o que a experiência bem demonstra, o elemento realmente sugestionável obedece à ordem do operador, como no caso específico da sugestão hipnótica. Mas ORDENAR e PERSUADIR são operações diferentes. Uma e outra podem ser praticadas para o Bem ou para o Mal, dependendo naturalmente do fim que se tenha em vista. É um problema de ordem ética ou de consciência. Escrúpulo moral, enfim. Independentemente da sugestão hipnótica, que exige técnica apropriada e muita segurança no terreno, há outras formas de sugestão, até mesmo na vida cotidiana.

Há pessoas, por exemplo, que têm muita autoridade sobre outras por força de amizade ou admiração exagerada, senão às vezes também por atrativos pessoais. Pela convivência constante, o elemento que é sempre admirado ou exaltado como ídolo passa a exercer uma influência fora do comum, e, progressivamente, essa influência transforma-se em poder sugestivo absorvente. Daí por diante, aquele que se deixou influenciar demais chega a um ponto em que não tem vontade, já não é mais *dono de si*, como se diz, pois fica *dependendo* do outro em quase tudo. E quantos, ainda mais, ficam sugestionados por um discurso empolgante ou comovente! Por outro lado, há muitos casos de sugestão coletiva.

Já ouvi contar (não sei se é verídica) a história de um comandante que, nas horas mais difíceis da luta, quando notava que os soldados estavam ficando desanimados, mandava que a banda de música tocasse um dobrado forte, desses dobrados arrebatadores, dava um grito de encorajamento e levava a tropa de um ímpeto, como se estivesse eletrizada. E não é uma forma de sugestão? Certamente que sim. A música vibrante ou marcial era um recurso emocional para *sacudir*, enquanto a voz imperativa do chefe, já pela sua autoridade, já pelas vibrações de que se impregnou a decisão, imprimiu uma expressão sugestiva, e, portanto, dominadora.

A sugestão chega de um impacto e geralmente contagia não apenas um indivíduo, mas o grupo inteiro. Há inúmeras experiências, anotadas na própria convivência do dia-a-dia. E por que não pensar também nos casos de sugestão de origem espiritual, se o elemento desencarnado sabe muito bem aproveitar certas disposições e tendências humanas? A sugestão de um Espírito, desde que encontre facilidade no encarnado, transforma-se em ideia fixa no decorrer de algum tempo. As observações neste campo oferecem alguns dados de referência para estudos sérios, não há dúvida. Se alguém, suponhamos, tem

inclinações para "revelações" deslumbrantes, vai a uma sessão mediúnica e lhe dizem lá que o seu passado é muito ilustre ou lhe incutem a ideia de que já fora nobre ou tivera "sangue azul" em existência anterior, e se a ideia for realmente absorvida ou incorporada à vida mental, naturalmente vai influir, aos poucos, no procedimento, devido às repercussões na própria personalidade. A criatura começa a sentir-se outra, às vezes até com a postura de um nobre ou aristocrata dos velhos tempos. Certas "revelações" de caráter pessoal têm muito poder sugestivo.

Quem, afinal, já estudou bem a Doutrina e já fez reflexões profundas não tem preocupações com o que teria ou poderia ter sido noutras existências, mas procura esclarecer-se na vida presente, preparando um futuro melhor a fim de evitar, certamente, uma experiência reencarnatória mais difícil ou penosa. Cada qual, em sua intimidade, ao observar as circunstâncias de sua vida, e se já tem noções claras acerca da reencarnação, mais ou menos calcula que tipo de vida tivera no passado. Mas é auto-exame ou inferência muito subjetiva, não é assunto para revelações e muito menos para publicidade. Claro que há comunicações e fatos pelos quais nós aceitamos comprovações reencarnatórias. Mas o que não é aconselhável, segundo o ensino espírita, é o desejo sempre insatisfeito de estar em volta de médiuns para saber do passado ou "descobrir" alguma encarnação anterior, com brasões ou grandeza do mundo. Se alguém, lá em suas cogitações, tem a desconfiança de que já foi príncipe ou rei em passado longínquo, então guarde a desconfiança para seu governo e procure ser cada vez mais humilde, agora, a fim de eliminar os resíduos espirituais de orgulho ou de glórias terrenas. Se vier a supor, ou imaginar, que já foi tirano, um mandatário cruel, cuide logo de cultivar a bondade, tomando-se brando nas palavras e nos atos, a fim de aproveitar bem a existência atual. Não temos necessidade, porém, de viver preocupados com as nossas existências anteriores, pedindo comunicações aqui, ali, ou tentar obter alguma "revelação" de interesse puramente particular. A ideia constante de receber uma "revelação" sobre o passado pode transformar-se em sugestão, às vezes de efeito perturbador.

Há outra modalidade sugestiva, muitas e muitas vezes observada em sessões de desenvolvimento mediúnico. Quando, depois de algum tempo, o candidato a médium, o que vai à mesa de experiência e nada recebe, começa a querer desistir, o dirigente da sessão passa a exortá-lo, não como censura, mas com a boa intenção de fazê-lo um *médium da casa* em pouco tempo:

— Vamos, meu irmão! Você vai receber! A entidade está aí! Dê passividade!

Ora, aos poucos a palavra do dirigente transforma-se em sugestão. E o iniciante, naturalmente para sair de uma situação vexatória, vai repetindo expressões usuais:

— A paz de Deus esteja com todos.

— Meus irmãos, muita fé e muita caridade.

E assim por diante...

Vemos, por aí, quantos problemas o quadro geral de sugestão coloca em nossa frente a exigir, sem dúvida nenhuma, estudo e meditação.

Cabe aqui, ainda, uma referência à sugestão hipnótica, embora de passagem, apesar da

bibliografia que já existe sobre o assunto. Entretanto, além dos depoimentos já divulgados em livros, jornais e revistas, há muitas observações pessoais, com aspectos bem relevantes. Seja como for, a sugestão é um campo complexo e, por isso mesmo, exige técnica apropriada, muita segurança no terreno e, acima de tudo, muita consciência de responsabilidade. Ninguém, pois, deve tentar a hipnose a esmo ou por brincadeira, pois é uma faixa experimental das mais delicadas, não é um espetáculo nem um domínio livre, aberto à curiosidade vulgar. Nos trabalhos de hipnose, como se sabe, o operador assume a bem dizer uma posição de comando perante o paciente, pois dá ordem, quando o paciente já está devidamente preparado, e este obedece. Também já se sabe que há pacientes refratários a qualquer interferência sugestiva. Muitos, portanto, obedecem mas há os que não o fazem pois nem todos são hipnotizáveis. Todavia, a influência sugestiva muitas vezes chega a ser total, porque domina por completo. Cada paciente, no entanto, é um mundo em si, tem suas reações próprias e organização psíquica mais sujeita ou menos sujeita a certas ordens. Isto quer dizer que, como demonstra a própria experiência, existem tipos vulneráveis e tipos invulneráveis, impenetráveis.

Decorre daí, naturalmente, a classificação de duas categorias de pacientes: 1.^a) os que são realmente passíveis de influência externa, ainda que seja avassaladora ou absorvente; e 2.^a) os que não abrem mão de sua faculdade crítica, não perde a noção de livre-arbítrio. Há muitos e muitos desses casos. O emprego da hipnose, entretanto, muitas e muitas vezes se torna necessário e de efeito salutar, dependendo da intenção. Se o trabalho não tem uma orientação ética ou não está inspirado no desejo de fazer o bem, ou se o objetivo oculto se ressinta da falta de escrúpulos de ordem moral, o que se pode esperar, com o tempo, é o desequilíbrio, pois nunca se deve explorar o mundo íntimo de alguém com propósitos duvidosos. Se a sugestão tem o seu lado positivo e o negativo, como tudo quanto se faz entre criaturas humanas, a persuasão também pode insinuar decisões benéficas ou levar a procedimentos desastrosos.

Persuadir é convencer. E, para convencer, envolvendo-a pouco a pouco, até que a criatura *bem trabalhada* mude de ideia e tome uma resolução inevitável, naturalmente é preciso tempo, habilidade, argumentos bem calculados. Há benefícios decorrentes de um trabalho de persuasão honesto e caridoso. Nos casos, por exemplo, de pessoas que se consideram vencidas ou arrasadas por desgostos, prejuízos ou injustiça, e já estão quase no estado de extremo desespero, muitas vezes uma conversação bem encaminhada e persuasiva com o desejo de ajudar, consegue perfeitamente remover dificuldades que nenhuma técnica remove. 15 o que se faz constantemente nas casas espíritas, a Caridade no sentido mais exato da palavra.

Há ocasiões em que se modifica todo o panorama mental da criatura sofredora e profundamente deprimida, sem ser necessário levá-la às sessões mediúnicas. O trabalho de persuasão consiste em *convencê-la* realmente, depois de algum tempo de paciência e assistência amorosa, de que nem tudo está perdido. Aos poucos, com argumentos ponderados e com segurança perseverante, a situação modifica-se e, por fim, o paciente que entrara no Centro sem esperança, sentindo-se abandonado e perdido, adquire como

que uma visão nova do mundo e da vida. E reergue-se, porque se convence de que não está só e de que se lhe abre, agora, uma nova perspectiva.

A outra face do processo persuasivo é profundamente negativa. É um modo de *convencer* para servir-se de um indivíduo neste ou naquele sentido. Assim, aos poucos, aparentemente sem pressa, mas injetando ideias cuidadosamente preparadas, o interessado na *doutrinação* do paciente obtém o que quer, se não encontra boa formação espiritual capaz de repelir as insinuações jeitosas. A vítima da persuasão fica como que sendo *usada* como se fosse um objeto. Rumorosos casos de fraudes, assim como crimes de natureza política, etc. foram cometidos por influência de uma urdidura persuasiva, às vezes camuflada e demorada, mas sempre pertinaz. Não nos faltariam exemplos ilustrativos na vida social ou nos conciliábulos do vício ou do crime... Suponhamos a situação do indivíduo que é Caixa de um banco ou de uma empresa. É honesto e trabalhador. Mas vive com dificuldades e ainda não está muito amadurecido para contornar certos embaraços. Vem outro indivíduo, com interesses ocultos, e começa a dizer que o Caixa está trabalhando demais e poderia mudar o rumo de vida, não lhe sendo difícil sair das aperturas e ficar rico sem que ninguém soubesse do *golpe*. Dia-a-dia, pacientemente, a mesma conversa ao pé do ouvido, inculcando um mundo de coisas na cabeça do *amigo* até que ele fique com a *cabeça virada* pelo poder de persuasão e concorde em dar um desfalque. Resistiu no começo, mas a persuasão do outro, que estava em arrumar dinheiro fácil, apresentou tantos meios enganosos, usou de tanta habilidade que, por fim, chegou ao ponto desejado. A fraqueza espiritual do funcionário, responsável pelo dinheiro da empresa ou do banco, cedeu às insinuações. *Convenceu-se* de que deveria enriquecer de uma hora para outra e deu mesmo o desfalque! Foi a derrocada! Há muita gente que sabe convencer pela persuasão, mas no sentido maléfico.

As crônicas criminais registram um atentado, ocorrido já no final do século passado, também envolvido nas teias da persuasão danosa. Houve uma trama política, cujos interessados queriam encontrar alguém que servisse de instrumento» e este foi exatamente um rapaz sem instrução nem discernimento, mas bem "trabalhado" durante certo tempo. Meteram-lhe na cabeça que poderia tomar-se famoso e sair da condição obscura em que vivia, etc., etc. Ninguém lhe deu propriamente uma *ordem* para que cometesse o crime a serviço de terceiros, porém, houve um trabalho manhoso de insinuações e promessas aparentemente vantajosas para a sua inexperiência. E ele aceitou a perigosa incumbência, já agora *tocado* pela ambição de se tomar uma figura importante, ser chamado de herói... Vítima de um processo de persuasão, criminosa evidentemente, deixou-se *usar* por ignorância, terminando a existência de um modo dolorosamente trágico!

A História tem muitos casos semelhantes.

Finalmente, a sugestão e a persuasão podem muito bem ser empregadas como bons meios de auxílio físico e espiritual, quando há dignidade e amor, mas podem, infelizmente, ser praticadas para fins nocivos quando não há nenhum respeito pela pessoa humana.

DEUS E CULTURA

DEOLINDO AMORIM

A concepção animista como ponto de partida do fenômeno religioso, é posterior à Doutrina Espírita. A crença, entretanto, já existia em diversos grupos. Mas a discussão tomou corpo, na realidade, com o aparecimento da obra de Tylor intitulada *Primitive Culture*, em 1871. Tendo-se fixado no Animismo como *forma mínima de religião*, fez um estudo bem alentado, em dois volumes, e levantou, conseqüentemente, questões de grande interesse para a História das Religiões, assim como para as Ciências Sociais. As posições de Tylor, tanto neste como noutros campos, teriam de provocar reações ou suscitar uns tantos reparos, neste ou naquele ponto, como acontece, via de regra, com todos os trabalhos de natureza interpretativa ou crítica. Mas é uma obra muito citada, uma fonte de referência indispensável quando vem a debate o problema da origem da religião. Apesar de ter publicado outros livros na mesma linha de ideias, pois era professor de Antropologia na Universidade de Oxford, *Cultura Primitiva* é, certamente, a sua obra central.

Convém assinalar, desde logo, que o conceito de *Animismo* no pensamento de Tylor tem um sentido muito amplo. Animismo, em suma, é a crença na existência de Alma nos seres vivos e nos objetos. Como se vê, não apenas o ser humano tem Alma, pois os animais e as plantas também são *animados*. Tylor encontrou essa ideia preliminar no fundo de velhas estruturas culturais e, através de longos anos de estudos e de reflexões, firmou-se na tese animista, segundo a qual o problema religioso nos chamados grupos primitivos se associa naturalmente à ideia de que os seres vivos são *animados* por um princípio transcendental, de natureza diferente da própria natureza do corpo. Envolta na obscuridade do pensamento empírico, sem uma sistematização conceitual, e sem formulações críticas, seja como for, a concepção animista é um indicio de preocupação espiritual e a existência de um Ser supremo, pouco importa que se chame de *coisas do sobrenatural*, ou já se tenha tido que são motivações de magia. Como assimila R. Lowie em *História de la Etnologia*, Tylor "não confundiu a crença nos espíritos com o animismo geral da natureza". A magia sempre foi praticada nos mais variados grupos humanos. Trata-se, aqui, porém, da crença nos espíritos entre grupos bem recuados, historicamente. E é neste sentido que nos interessa a interpretação animista de Tylor. Já se sabe, e é matéria comum, que o vocábulo animismo tem uma acepção muito específica na literatura espírita, porque significa a ação do próprio espírito do médium, diferentemente das comunicações dos espíritos desencarnados.

As colocações de Tylor, entretanto, abrem caminho para o exame de dois velhos problemas, sobre os quais muito já discutiram os estudiosos do assunto. Em primeiro lugar, se o animismo de grupos primários, assim chamados, denuncia a ideia da sobrevivência do Espírito, logicamente esta ideia é anterior à formação das sociedades civilizadas e não é, portanto, produto da Civilização. Em segundo lugar, já se vislumbra, aí, a noção remotíssima da divindade, o que quer dizer, em

resumo, que a crença em Deus (seja qual for o nome ou a forma pela qual seja concebido) tem origem muito mais longínqua do que se possa imaginar.

Parte-se, então, daí, para uma indagação decorrente: a existência ou não de grupos sem religião ou completamente fora de qualquer contexto religioso. Foi justamente este um dos aspectos em que se critica a obra de Tylor. Louvando-se em relatos de viajantes, missionários e observadores de outras categorias, Lubbock, citado por Robert Lowie, admitiu, por exemplo, a existência de "raças completamente carentes de religião".

Tylor, no entanto, rebateu a assertiva por entender que não havia provas concludentes.

É natural que as opiniões ainda se dividam ante os estudiosos e pesquisadores. Mas é difícil, de fato, apresentar um povo antigo sem qualquer traço de religiosidade, ainda que seja em estado obscuro ou grosseiro. Através de ritos (naturalmente exóticos para os nossos dias), ou pela adoração de suas divindades, seus deuses, o certo é que os *primitivos* tinham cultos pelos quais se dirigiam a entidades ou poderes maiores. Se a noção de Deus ainda não era inteligível, naturalmente porque faltava o sentido de unicidade, pelo menos havia como que a intuição de uma instância suprema, uma força mais poderosa, acima do plano terreno, embora se cultuassem deuses nacionais, locais, e até mesmo familiares. Os grupos politeístas não eram, portanto, destituídos de religião. Claro que ao modo deles. Quem não era cristão, era pagão. E, por isso, o paganismo abrangia a generalidade dos povos que estivessem fora da faixa do Cristianismo, segundo a classificação do sacerdócio primitivo da Igreja. No entendimento vulgar, entretanto, pagão significava sem religião, ao passo que esses povos tinham seus cultos, suas formas de adoração, ainda que diferentes da organização cristã.

Nossa tradição popular sempre admitiu, por influência da educação católica, que, sem o batismo, a criança morreria pagã... Éa velha ideia de paganismo, entendida como alguma coisa de herético ou perigoso, à margem da religião, como se religião fosse exclusivamente o Cristianismo. Enfim, são equívocos do passado. Por isso mesmo, os politeístas deveriam ser postos de lado.

Com abstração da discussão propriamente religiosa, podemos considerar, contudo, o que a experiência histórica nos fornece em relação ao problema da crença em sua espontaneidade. Poder-se-ia dizer, suponhamos, que a religião é criada pela cultura de cada grupo, o que quer dizer naturalmente que seria transmitida pelos costumes ou pela tradição. Bem, os padrões de cultura condicionam muito os procedimentos religiosos, não há dúvida. Mas a influência da cultura se faz sentir no aspecto exterior — simbolismo, rituais, atitudes pessoais, hierarquia, etc. — enquanto o lado interior da religião, isto é, a crença em si, a inclinação irresistível para uma divindade ou para uma fonte de justiça fora deste mundo, é inerente à natureza espiritual da criatura humana, tanto assim que esse estado de espírito se manifesta no seio de culturas muito diferentes.

A esta altura de nossas cogitações, não queremos enveredar por um subjetivismo imaginário ou indefinido, mas entendemos que religião, tomada no sentido duplo, e nunca no sentido específico de *uma* religião, seja qual for, tem um fundo subjetivo que transpõe

as próprias convenções e formas, independentemente do tipo de cultura em que a criatura humana esteja instalada. E por quê? Naturalmente por necessidade. Há uma teoria que tenta explicar a religião pelo medo. É o medo das forças desconhecidas que leva o homem a apelar para a divindade, de acordo com o modo de pensar dos que defendem esta teoria. Naturalmente até certo ponto evolutivo, quando ainda não tem meios de compreender a ação divina, e vive sob o temor de tudo, o ser humano se dirige ao Alto, pedindo socorro a Deus ou aos espíritos, porque lhe falta uma convicção. Noutra estágio mais avançado, porém, já o medo há de ceder lugar à confiança, à segurança interior. Sempre houve e haverá apelos ao Alto, mas nesses apelos precisamos distinguir o medo, causado pela instabilidade, e a confiança, infundida cada vez mais pela "fé esclarecida", de que nos fala a Doutrina Espírita.

À medida que toma conhecimento de si e de seu papel na vida, o homem tem necessidades que não pode superar com os recursos humanos — falta-lhe alguma coisa, interiormente. Tem tudo, materialmente falando, dispõe de imenso cabedal de aquisições intelectuais, mas sente que, de uma hora para outra, falta tudo, quando, por exemplo, se desmorona o patrimônio ou quando perde suas afeições mais caras. Em que se apoiar agora? A quem recorrer? É a experiência íntima de um vazio profundo e doloroso. Exatamente aí Deus é uma necessidade que a linguagem humana não sabe descrever, porém uma necessidade que o homem sente em qualquer tipo de cultura, em qualquer grupo social.

Não queremos terminar sem pedir mais uma elucidação à Doutrina Espírita. Vamos encontrá-la em O Livro dos Espíritos, questão 6: "O sentimento íntimo que temos seria fruto da educação e produto das ideias adquiridas? Resposta: Se assim fosse, porque teriam os selvagens tal sentimento?" Resposta simples, muito lacônica mas inegavelmente lógica. Allan Kardec, por sua vez, adiciona o seguinte comentário: "Se o sentimento da existência de um Ser supremo fosse apenas produto do ensino, não seria universal e, como as noções de ciências, só existiria naqueles que o tivessem podido receber".

A procura de Deus é instintiva no Espírito, sejam quais forem os equipamentos culturais e a posição geográfica, pois é pela consciência- de sua integração no plano divino que o homem se sente realizado interiormente.

A RAIZ DOS MALES HUMANOS

CELSO MARTINS

Até uma certa idade o filho acha que o pai é o indivíduo mais sábio do mundo e, por isso mesmo, dele espera explicações claras e objetivas para todas as suas dúvidas.

Não fui exceção a esta regra geral. Nem quando era filho quando, agora, sou pai. Assim como perguntava a meu genitor, no final da II Grande Guerra, quem é que acendia o Sol de manhã e o apagava ao entardecer no horizonte oposto, para voltar a acendê-lo no dia seguinte, no levante, meu filho às vezes (e isto já rapazola) me punha em palpos de aranha com suas perquirições não tão infantis como as minhas ao meu genitor, não! Ele me

fazia (e faz até hoje) perguntas mais profundas do que aquelas ingênuas que fervilhavam a minha mente e afloravam a meus lábios de criança pobre, mas esperta!

Certa ocasião — lembro-me bem — meu filho quis saber como podemos explicar o estado caótico do mundo em que vivemos. Por que uns têm mais e outros têm menos? Uns com tudo do bom e do melhor, e muitos outros esmolando um prato de comida, um pedaço de pano para cobrir sua nudez, um frasco de remédio para um familiar doente e até dinheiro para sepultar um parentel? Questões semelhantes não me vinham à mente, embora eu visse de perto a miséria alheia também.

Como meu guri na época já suportasse uma resposta mais profunda, dei-lhe a razão cármica de tudo isto. Tudo quanto sofremos ou gozamos honestamente é sempre o fruto de nossas ações nesta ou em vidas anteriores. Todavia — e isto fiz questão de deixar bem claro no seu entendimento — não quer dizer DE MODO NENHUM devemos negar auxílio a quem nos pede socorro. Pelo contrário! Ainda que a criatura esteja expiando duras provas em decorrência de seus enganos do passado, nem por isso iremos deixar de socorrê-la e levar a bom termo sua críz. É nosso dever elementar de solidariedade humana! Mesmo porque, nós mesmos também temos enormes débitos a pagar na Contabilidade da Justiça Divina, temos as nossas faltas a resgatar. E de bom grado gostamos de que outros companheiros nos amparem, nos estendam as mãos, nos dêem apoio na hora de nosso resgate redentor. E aí de nós, não fosse esta ajuda dos amigos visíveis e invisíveis!

Contudo, não sei se me fiz entender porque o meu filho desejou mais e mais informações, mais e mais detalhes. Quis saber porque é que os homens transformaram o mundo num verdadeiro inferno, se eu lhe dissera dias antes que a Natureza tudo oferece para que a Humanidade vivesse num céu sereno, senão de paz absoluta, ao menos de maior tranquilidade emocional, tanto no concerto das nações como no recôndito de nossos corações.

Complementando então a resposta ao menino questionador, eu lhe disse que a raiz de todos os males humanos de ontem e de hoje, está na postura materialista em que nos colocamos diante da própria vida. E quando eu lhe disse materialista, não me referi ao materialismo filosófico que nega a existência de Deus ou do Espírito, não. Pensei muito mais no materialismo utilitarista que é a filosofia vigente para muitas criaturas que às vezes até se diz religiosa. Pensei no materialismo que leva as pessoas a supervalorizar os bens terrenos, o dinheiro, o poder, a glória, a fama, em detrimento dos valores morais. E aí a outra criatura passa a ser medida pelo TER e nunca pelo SER. Pelas aparências materiais e não por sua essência espiritual. Daí é que nasce esta corrida pelo ouro, este desejo desenfreado de possuir mais e mais, isto, aquilo e mais aquilo, nem que seja em cima da dor alheia!

Com efeito, até que me provem em contrário, continuo defendendo a tese, e contra ela lutando, de que o que está infelicitando a Humanidade é a postura materialista, fruto do que se chama orgulho e egoísmo.

Contra esta praga daninha — há um remédio salutar. Chama-se compreensão

espiritualizada da vida! O homem precisa ter acima de tudo uma noção exata acerca da real finalidade da existência terrena.

Muitos, aliás quase a maioria, infelizmente pensam que viver é comer, beber, farrear, fazer sexo, ter dinheiro, prestígio, beleza física, e menosprezar os mais humildes, humilhar os subalternos, expoliar os pobres, odiar os rivais, sabotar o patrão, ludibriar o empregado, enfim — gozar a não mais poder a vida terrena. Todavia, ninguém veio ao mundo para fazer isto e agir assim, não! É outra a finalidade da vida! É bem diverso o objetivo do viver na Terra! Não viemos aqui outra vez para repetir os mesmos erros do passado, não! Aqui estamos para progredir em todos os sentidos, principalmente na moralidade e na sabedoria. Mais do que esta simples noção, que já é de extrema valia, o homem precisa urgentemente de uma vivência realmente evangelizada vendo no outro um seu irmão que merece respeito e estima. Fora disto, a mim me parece malhar em ferro frio!

EXPERIÊNCIA E AMADURECIMENTO

DEOLINDO AMORIM

Muita gente, no próprio meio espírita, ainda não compreendeu a influência do ambiente em determinadas pessoas. Há pessoas, por exemplo, que trazem do passado certas inclinações irresistíveis e, por isso mesmo, não se adaptam a qualquer ambiente. É problema de tempo. Ninguém deve forçar nem pode censurar outrem pelo fato de pender para este ou aquele lado, de acordo com as disposições de foro íntimo. Sendo o Espiritismo uma Doutrina reencarnacionista, logicamente devemos saber que cada qual, quando volta a este mundo, traz sua bagagem, suas experiências e também seus gostos e suas preferências. Não é possível enquadrar um indivíduo, de um momento para outro, dentro de um sistema ou de um estilo social, se esse indivíduo não se afaz do ambiente, não se sente bem no meio onde se encontra. O mais certo, o mais justo, no caso, é deixar que o próprio indivíduo faça suas opções e procure o ambiente que melhor se ajuste a suas preferências. Vamos, agora, ao ponto concreto do assunto.

Pela experiência que venho adquirindo, dia a dia, no movimento espírita, lidando com pessoas de todas as classes sociais, ouvindo relatos e observações muitas vezes dolorosas, de sofrendores de todos os níveis de vida, já observei um aspecto muito curioso e, com isso, vou aprendendo mais. Já notei que muitas pessoas tentam frequentar o meio espírita, mas não ficam, não se acomodam bem nas sociedades espíritas. Por quê? Preconceito? Acredito que haja alguns casos de preconceito, social ou religioso. Na hora da dor, quando falham lá fora todos os recursos, muita gente deixa as convenções sociais e vem bater às portas das casas espíritas em desespero. Faz-se o que pode, sem distinção de crença nem de raça, nem de cor, mas nem todos continuam. Sei que há preconceito,

mas é preciso que encaremos outros aspectos do problema. Nem sempre é puro preconceito. Devemos considerar também dois fatores importantes: a formação intelectual ou religiosa do indivíduo e, ainda, a herança, o lastro do passado.

Há pessoas que, por sua formação, adquiriram uns tantos hábitos e, por isso mesmo, são muito condicionados. Aceitam certas ideias, teoricamente, não têm propriamente prevenções, gostam até de ajudar, mas ainda estão presas a determinadas convenções, nunca se sentem à vontade quando estão fora de seu ambiente. A religião de origem, a educação, os padrões sociais em que foram criadas influem muito nessas pessoas, tomando-as a bem dizer alienadas em relação a outros meios sociais. Ainda que sejam beneficiadas no meio espírita; ainda que façam leituras doutrinárias e achem a Doutrina muito boa; ainda que sejam pessoas bem intencionadas e tenham o desejo de servir — não conseguem aderir prontamente aos hábitos espíritas, porque continuam vinculadas aos Conceitos e costumes de origem. Há coisas que, para essas pessoas, representam valores, ao passo que para nós, já não têm a menor significação: são os símbolos materiais, o formalismo e assim por diante. Não é fácil mudar de um dia para o outro. É preciso que haja algum espaço de tempo. Não podemos repelir e muito menos *condenar* alguém porque ainda se prende a umas tantas coisas. Não há evolução sem transição.

O meio espírita é muito simples, muito natural e, por isso, não tem fórmulas nem atrativos exteriores; não tem, portanto, com que prender as pessoas que se impressionam muito com a ornamentação, os cenários, os gestos artificiais ou cabalísticos. São elementos que ainda valorizam muito o lado acessório da vida e das coisas, muito mais do que o essencial. É gente que procura o ambiente espírita por necessidade, gente sincera, mas não fica integrada: vem, entra, gosta, mas não permanece. Paciência! É problema de opção, de foro íntimo. Cada qual deve procurar livremente o ambiente onde uque à vontade, sem constrangimento.

Se nem todos se adaptam à simplicidade do meio espírita, e é um fato que se observa constantemente, claro que não é o meio espírita que se deve modificar ou alterar seus estilos de convivência para se *adaptar* aos gostos alheios. Não. Somos o que somos. Há pessoas, no entanto, que, uma vez recebendo as luzes do Espiritismo, aderem logo, desprezam todos os formalismos e preconceitos do passado. É preciso ver, aí, a diferença, a desigualdade dos espíritos através da reencarnação. Paulo de Tarso, por exemplo, abriu mão imediatamente das correntes do passado quando sentiu a luz da mensagem do Cristo e tomou novo rumo. Mas nem todos, no grupo de Paulo, procederam assim. É história bem conhecida. Havia elementos, como se sabe, que não apoiavam o desligamento total nem imediato, mas, aos poucos, ainda conservando certos usos da tradição. Nem todos quantos se convertem às ideias espíritas, são do tipo de Paulo.

Á reencarnação traz experiências, compromissos, provas e missões, como se sabe, mas também traz condicionamentos para muita gente, que renasce com bitolas do passado, e não é apenas durante uma existência que se desprende desses prejuízos. Sei de um presidente de Centro Espírita, velho companheiro, muito dedicado ao trabalho espírita, mas que fazia questão de ter um *púlpito* no centro. O orador ou conferencista

naturalmente ficava embaraçado quando subia ao púlpito para "pregar" a Doutrina, como se fosse pastor ou sacerdote. E era bom trabalhador na seara espírita, porém, não dispensava o vezo antigo. Reminiscência da igreja, de onde viera, no interior de Minas Gerais. E o estudo da Doutrina Espírita não lhe tirou esse hábito.

Se alguns casos decorrem apenas de preconceitos, outros casos, no entanto, (levem ter alguma relação com ideias e costumes de outras existências. Se é certo que não devemos generalizar e dizer que tudo se explica pelo passado, também é certo que não podemos desprezar inteiramente o aspecto da reencarnação, pelo menos em determinados tipos de comportamento. Quanta gente há, por aí, que já teve vivências orientais ou já pertenceu a *fraternidades* e escolas cabalísticas em tempos remotos... Não é fora de propósito admitir essa hipótese, dentro do quadro reencarnacionista. Há pessoas que embora nascidas aqui, educadas sob a influência dos costumes ocidentais, revelam tendências indisfarçáveis para as coisas do Oriente. Não houve pressão do meio nem houve mestres do orientalismo, mas a verdade é que muitas criaturas já renascem trazendo essas propensões às vezes irresistíveis. Gostam do simbolismo, ficam muito impressionadas com as vestes estilizadas, apreciam a linguagem mais figurada. Como, porém,, nada disto existe no Espiritismo, e não há motivo para que deva existir, naturalmente estes elementos não se sentem bem nos Centros espíritas, pois não encontram neles o ambiente ideal. Não devemos criticá- los, pois o problema é de consciência, é de livre-arbítrio.

O modelo das *igrejas espiritualistas* dos Estados Unidos, onde se pratica o mediunismo sob feição diferente, imitando os templos protestantes, se fosse transplantado para cá, certamente agradaria muito mais a determinadas pessoas, não pela essência do ensino ou da mensagem que porventura se distribua, mas apenas porque nesses lugares há títulos de *pastor*, de *reverendo*, de *ministro*, por exemplo. Há ainda cerimônias de *consagração*, *hinos*, *bênção pastoral* e assim por diante. Muita gente se prende a isso e, por enquanto, só se sente bem onde haja exterioridades, honrarias humanas. As vezes é o reflexo da educação convencional, mais preocupada com a imponência e as distinções pessoais, e às vezes, é mais reminiscência do passado, é ainda o velho acervo de outras existências, em condições muito diferentes das condições atuais. O Espiritismo toca o coração, cria entusiasmo, tudo é belo e suave, mas no fundo, lá nas profundezas do EU, ainda está dormindo a saudosa lembrança de crenças muito longínquas. E quem pode "torcer" a natureza de outra pessoa?... E quem pode fazer alguém ser o que NÓS desejamos que ele seja?... Cada qual é o que é. Não é o que gostaríamos que fosse. A experiência da vida que o diga.

Já vi, e não poucas vezes, gente simpática e inteligente chegar a Centros espíritas, exteriorizar desejo ardente de participar de nosso movimento e, logo depois, desaparecer, tomar outra direção, integrando-se em ambientes mais afins com suas inclinações. Lembro-me bem de uma organização espiritualista, que existiu no Rio de Janeiro. Não era uma sociedade espírita, e o fundador e diretor fazia questão de dizer sempre, com a maior franqueza:

— Ninguém venha aqui procurar uma sociedade espírita!

O criador desta organização viera do meio espírita e tivera, ao que dizem, certa projeção como conferencista em nosso meio, mas resolveu criar uma *coisa nova*, um culto especial. Deixou o movimento espírita, e fê-lo com toda a franqueza, sem menosprezar os princípios que antes defendera e propagara, e organizou uma sociedade espiritualista, semelhante a uma igreja, com seus hinos, seus rituais, etc. Quando subia à tribuna, fazia gestos de bênçãos, usando uma capa em forma de batina, começando a pregar, no culto semanal, aos domingos, em latim, para, segundo suas próprias palavras, *solenizar* o ato!

Fui ouvi-lo uma vez e percebi que utilizava muitas noções da Doutrina Espírita com referências também à reencarnação, mas a FORMA realmente nada tinha de comum a qualquer tipo de atos espíritas, infensos estes últimos, como é sabido, de qualquer tipo de liturgia. Seja como for, essas coisas exteriores atraíam muita gente, embora as ideias, em tese, fossem as mesmas ideias ensinadas e vulgarizadas nos Centros Espíritas. O aspecto formalístico, o conjunto externo e a expressão sacerdotal do pregador impressionavam muito, não há dúvida. Sei de gente que, tendo frequentado a Liga Espírita, por exemplo, e não encontrando ali qualquer motivação material, nem o convencionalismo de certos ambientes — passou a participar do novo culto!

A grande verdade é que há pessoas que ainda não estão preparadas espiritualmente para conviver em meios simples, embora se esforcem para demonstrar o contrário. Intimamente não se afinam com ambientes mais modestos. Há lugares, por exemplo, onde se dá muita ênfase aos títulos e às honrarias humanas, o tratamento de Excelência e assim por diante... No meio espírita, de um modo geral somos todos *irmãos* ou *confrades*, indistintamente, mas muitas pessoas ainda gostam mais de tratamento ornamental e, por isso mesmo, não se adaptam ao meio espírita. Tudo isso demonstra, finalmente, que nem todos quantos batem às portas de casas espíritas estão amadurecidos espiritualmente, como adverte a Doutrina. Já no tempo de Allan Kardec também era assim. Nem todos têm condições de compreender e sentir que a mensagem pura está exatamente na simplicidade sem farisaísmo, na modéstia sem *pretensões* de *santidade*, na humildade sem exibições devocionais. Muita gente, na realidade, ainda precisa *amadurecer* o espírito para poder penetrar no âmago da Doutrina. Enquanto isso não acontece, é natural que haja preferências por ambientes onde o exterior predomine sobre o interior. É questão de tempo, e nós não podemos ter a tola pretensão de querer acelerar o ritmo do tempo nas experiências de certas pessoas.

O meio espírita está sempre de portas abertas a todos, sem a menor discriminação social ou religiosa, mas os atos espíritas não podem ser modificados ou desfigurados em suas características autênticas a fim de que as conveniências de quem quer que seja encontrem ambiente adequado. Não podemos adotar superficialidades e artificialismos para *atrair* maior número de pessoas que ainda estão voltadas para outros centros de interesse. Cada qual deve adquirir sua própria experiência, situando-se na faixa de ação que seja mais compatível com as predisposições de seu espírito. Ninguém deve chegar ao Espiritismo por atração exterior ou sob a influência de persuasões.

O DESCONHECIDO E O MEDO

DEOLINDO AMORIM

O espírito humano sempre se preocupou com o desconhecido, sempre teve dúvidas acerca de seu destino. Por mais que o homem procure disfarçar, por mais que se julgue satisfeito ou completamente realizado, o desconhecido sempre causa inquietações. É verdade que muita gente já está *curada* dessa incerteza, mas não é o que se dá com a grande massa humana. Quem, afinal, já tem uma filosofia de vida e sabe o que quer e para onde vai, naturalmente não sofre mais as angústias da dúvida, não se preocupa mais com os desafios do chamado incognoscível, como dizia Spencer. A maior parte, entretanto, vive sob o peso desse problema íntimo.

Há épocas, no entanto, em que as atenções se polarizam mais em determinadas fixações, como se fossem a solução definitiva. Cada época tem seus fenômenos e suas motivações. Já houve época, por exemplo, em que se deu muita ênfase à Razão e, por isso, acreditou-se que o homem poderia resolver todos os problemas pela via exclusivamente racional; do mesmo modo, já tivemos uma fase em que uma onda de *Iluminismo* contagiou muitas inteligências brilhantes, no passado, e chegou a fazer escola. O Iluminismo dava a impressão de que certas pessoas recebiam inspiração divina e, por isso, poderiam revelar toda a Verdade. Mais tarde, depois de outras experiências históricas, veio a Psicanálise, em termos científicos, e empolgou a muitos, como se sabe. A Psicanálise seria a solução de tudo, daria todas as respostas a respeito da Alma humana, como se fosse a chave do desconhecido. E ainda tem influências. Mas o certo é que, a despeito de todo o prestígio da Psicanálise, o homem de hoje continua a preocupar-se com o desconhecido...

A ideia do *sobrenatural*, que vem de tempos recuados na história do pensamento filosófico e religioso, ainda não foi de todo banida da mente humana. Esta é a dura verdade. Ainda há pouco, e os jornais deram largo noticiário, houve um Congresso de *Bruxaria* na Colômbia, atraiu mais gente do que se supunha. Sociólogos e psicólogos de diversos países. Estes, principalmente, porque se interessavam em estudar o fenômeno da bruxaria em suas relações com as causas sociais e com o índice cultural do povo. O estudioso de religiões também encontrou, por lá, um campo de observações interessantes, pois já se sabe que muitas práticas religiosas ainda sofrem influências de *bruxaria*.

Convém assinalar, todavia, que nem todos quantos se interessaram pelo Congresso de *Bruxaria* eram especialistas em Ciências Sociais, História das Religiões, Psicologia, etc. Estas disciplinas têm o que ver com o assunto. Muitos, na realidade, queriam descobrir alguma coisa nova, porque desejam "revelações", uma vez que se sentem inseguros em relação ao desconhecido. E as pessoas que não têm uma convicção ou se ressentem da falta de um ponto de apoio interior, apelam para tudo, recorrem a todos os meios, contanto que obtenham alguma informações de ordem extraterrena. O problema é realmente inquietante.

O fenômeno não ocorre somente entre pessoas sem instrução, mas em todas as

classes, qualquer que seja o *status* social ou intelectual. Isto significa, portanto, que a preocupação do *sobrenatural* ainda é absorvente e às vezes causa desespero, apesar de todo o desenvolvimento da cultura científica. Então, e sem tirar nem pôr, o que se observa na Sociedade atual é o seguinte: ao lado da expansão tecnológica, que é, realmente, impressionante; ao lado de tantas pesquisas e realizações científicas, que não conseguem libertar o homem do medo e da dúvida, ainda vicejam todos os tipos de crenças e formas de culto, algumas um tanto exóticas, em todas as camadas sociais, isto é, de alto a baixo. Há pessoas muito intelectualizadas, por exemplo, bem aparelhadas tecnicamente, mas ainda vacilantes quanto ao futuro, tanto assim que batem, ao mesmo tempo, em diversas portas: vão à igreja, pedem orientações ao sacerdote, mas também fazem consultas em sessões de magia, frequentam Centros Espíritas e, logo depois, procuram escolas de orientalismo, e assim por diante. E por quê? Justamente porque ainda não sabem o que querem, ainda não encontraram um rumo certo.

A cultura acadêmica por si só, nem tampouco a tecnologia têm elementos para esclarecer problemas de natureza espiritual, apesar do grande e quase decisivo papel que estão desempenhando no mundo de hoje. Muita gente, com imenso cabedal de conhecimentos práticos, dispendo de tantos instrumentos para resolver problemas do mundo exterior, ainda vive às tontas, e sofre muito, exatamente porque não tem um elemento em que se firmar, ainda não tem uma crença esclarecida, ainda se sente esmagada pelos desafios do desconhecido. Falta, precisamente, uma filosofia de vida, baseada na realidade do Espírito. Enquanto o ser humano não encontra um caminho claro, faz apelo a todas as formas de crença, desvia-se para todas as direções, levado pela incerteza e pela inquietação.

As noções básicas do Espiritismo, noções que muitos consideram simples demais, constituem verdadeira- mente o núcleo fundamental dessa filosofia, que nos fala do futuro em linguagem muito diferente, sem fantasias nem expressões aterradoras. Aqueles, finalmente, que já formaram sua convicção espírita, porque observaram e estudaram, porque absorveram o legítimo pensamento da Doutrina, já sabem o que significa o futuro, não precisam andar de porta em porta, hoje aqui, amanhã ali, em busca de "novidades" ou "descobertas" sensacionais. Em meio a todas as incertezas e depressões do homem de nossos dias, o Espiritismo continua a ser uma filosofia de vida até hoje não superada, exatamente porque, sem alegorias, sem tabus, sem regras condenatórias, abre o nosso entendimento para a vida futura como continuidade natural de nossa própria vida.

MAIS PERTO DE DEUS

CELSO MARTINS

Reencarnei em lar espírita. Ou melhor dizendo, o meu pai já era leitor de livros de Allan Kardec e de Humberto de Campos, Espírito, através do médium de Pedro Leopoldo, Francisco Cândido Xavier, quando regresssei ao mundo em plena II Guerra Mundial (1942).

Por isso, desde que me entendo por gente, equivale dizer, desde quando comecei a ler, aos 6 anos de idade, já encontrei em casa lições de Espiritismo ao meu alcance, nem sempre ao nível da minha compreensão, de vez que somente a maturidade e a experiência da vida de jovem, e sobretudo de adulto, nos dão de fato condições para entender melhor a amplitude e a profundidade dos ensinamentos espíritas.

Assim é que, em criança, ao ver passar por mim um padre, uma irmã de caridade, ao ver seguirem pelas ruas diversos protestantes em grupo, todos os homens de gravata, chapéu, as mulheres com vestidos longos, de manga comprida, apesar do verão carioca de 40 graus, e mais tarde ainda, tomando parte de reuniões espíritas, ouvindo palestras, tomando passes, em criança, repito — julguei que os religiosos eram as pessoas que mais perto de Deus se situavam.

Pudera, não é mesmo? Traziam nas mãos livros onde se falava em Jesus. Saíam de ambientes onde se rezava o Pai-Nosso. Trocavam ideias em tomo do Bem e do Mal. Tudo isto fatalmente a mim me levava à convicção de que os religiosos, sem dúvida nenhuma, quer fossem católicos ou evangélicos, espíritas ou umbandistas, até mesmo judeus (sim, eu tive amigos praticantes do Judaísmo também!) eram aquelas pessoas que estavam mais perto do Senhor de todas as coisas.

Mas ah!..: Não fiquei criança a vida inteira, não! Quem dera se ficasse... Tempo de inocência e de irresponsabilidade! Via tudo cor-de-rosa, apesar da infância pobre, difícil, com algumas doenças no corpo magrinho. Mas um tempo bom de correr atrás das borboletas nos terrenos baldios, de catar peixinhos nas valas de Nova Iguaçu, no contexto da Baixada Fluminense dos anos 50! Não fiquei criança a vida inteira, não! Cresci por fora e por dentro, talvez menos por fora do que por dentro. E se os olhos, do ponto de vista orgânico ficaram míopes para longe, os olhos da observação dos fatos, das pessoas, das situações e das circunstâncias se abriram muito e me mostraram claramente que estava a laborar num erro crasso. Evidentemente não estou a generalizar. Aliás, jamais gostei de generalizar porque toda regra admite exceções! Cada caso é um caso, que merece ser analisado em separado, para que não se cometa clamorosamente injustiça!

Sem dúvida alguma, muitos e muitos religiosos, por praticarem exatamente as Leis de Deus, que preconizam o Amor, a Bondade, o Perdão, a Tolerância, de Deus se aproximam, sim, por seus atos e por suas intenções! Não há que duvidar com relação a isto tanto no Catolicismo como no Evangelismo, no Espiritismo e no Umbandismo, no Judaísmo como no Budismo. E assim por diante... Conheci religiosos de um coração de extrema ternura para com os demais irmãos em Humanidade! Religiosos que faziam (e fazem) o Bem por amor ao próprio Bem! E muitos no maior anonimato! E até com sacrifício de seu repouso, de sua saúde! Religiosos que engrandecem a raça humana recordando, guardadas as devidas proporções, os exemplos de Jesus, o Mestre de todos nós!

Mas ah!... Não fiquei criança a vida inteira, não! E adulto vi também muitas criaturas que se declaravam materialistas, descrentes de Deus e que de Deus estavam bem pertinho, muito mais perto do que os religiosos que viviam tomando passes e água fluidificada, entoando cânticos a seus orixás ou

a Jeová, indo à missa e ingerindo hóstias, fazendo pregação de manhã, de tarde e de noite — e que, por questão da fragilidade humana
— o que é até compreensível no mundo em que vivemos
— não conseguiam viver aquilo que o Mestre nos ensinou pelo exemplo! Mas um dia eles conseguirão. Não tenhamos dúvida disto!

Não vai aqui nenhuma crítica malévola a quem quer que seja. Antes de reparar no argueiro existente o olho alheio devo retirar a trave que me entrava a visão. Apenas anoto observações ao longo da vida, não sei se com olhos cansados e míopes. É hem possível...

A vida me tem ensinado que mais perto de Deus está sempre todo aquele que, tendo ou não tendo religião, faz do Amor constante a prática diária de seu viver. Quando, mais cedo ou mais tarde, voltarmos ao mundo espiritual, não nos será perguntado a que religião pertencemos. Interrogar-se-á que fizemos dos dias que nos foram oferecidos a passar na face da Terra. Que aplicação demos aos talentos recebidos, às oportunidades de viver de acordo com as Leis Divinas.

Mais perto de Deus está sempre aquele que vê no outro — um seu irmão digno de estima, de respeito, de consideração. Ou será que estou pensando errado, hoje?

CULTURA E DIDÁTICA

DEOLINDO AMORIM

Jamais vou fazer o que se chama *sessões*, nem convocar o público para experiências ou demonstrações e, ainda menos, fazer exposições de Espíritos.

Foi em Rochefort que Allan Kardec fez aquela declaração, aliás peremptória, estampada posteriormente na Revista Espírita de dezembro de 1862. Ele estava em viagem pelo interior, mas, em função da Doutrina, e não de turismo ou simples passeio, quando lhe pediram que falasse em Rochefort, localidade que não estava no programa de conferências. Mas Allan Kardec atendeu aos pedidos e pronunciou uma alocução, cujos conceitos ainda podem ser muito bem aproveitados. O Espiritismo, nos primeiros anos, ainda era uma das maiores novidades e, por isso mesmo, naturalmente muita gente queria ver "coisas" estranhas, na suposição de que Allan Kardec fosse apresentar médiuns em público ou dar algum espetáculo de "mesas-girantes", levitação, etc.

Evidentemente, Allan Kardec não estava preocupado com exposições, nem era isso de seu feitio pessoal, mas com a Doutrina, isto é, com o verdadeiro ensino espírita, que precisava ser divulgado e explicado ao público. Por isso, ele disse, logo no início, que o objetivo da viagem era unicamente visitar os centros espíritas e dar-lhes "as instruções de que possam necessitar". Foi aí, nessa oportunidade, que Allan Kardec falou em *curso* de Espiritismo como necessidade. E completou:

"Um curso de Espiritismo não poderia ser feito em uma ou duas aulas, como não o poderia um curso de Física ou de Astronomia".

Já na Introdução ao estudo de O Livro dos Espíritos dissera ele categoricamente que

o estudo de uma Doutrina como o Espiritismo tem de ser feito por "homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado". Os cursos de Espiritismo, preconizados no Projeto de 1868, e referidos com tanta ênfase por Allan Kardec, estão nesta linha de pensamento: seriedade, perseverança, isenção de ânimo. Vem de longe, portanto, a ideia de *curso* no meio espírita, o que aliás já se acentuou mais de uma vez em jornais, palestras e debates.

Há, porém, um aspecto especial: um curso de Espiritismo deve cuidar primordialmente dos princípios fundamentais da Doutrina. Por outras palavras, se é realmente um curso de Espiritismo, claro que a Doutrina deve ser a motivação central. Enfim, um curso de Espiritismo é para ensinar Espiritismo, embora o desdobramento das explicações ou aulas venha a exigir naturalmente o concurso de outras matérias de cultura geral ou científica. O que não é compreensível, por exemplo, é um curso de Espiritismo em que a matéria espírita entre apenas como acessório ou assunto ocasional. Assim, não! Neste caso, seria apenas um curso de matérias avulsas, um curso eclético, com alguma coisa de Espiritismo... É preciso, pois, caracterizar o que seja, na realidade, um curso de Espiritismo, em harmonia com o pensamento de Allan Kardec. Convém reconhecer, portanto, que o próprio ensino da Doutrina, em sua amplitude, reclama a conjugação com matérias diversas, pelo menos quando as teses espíritas tocam em determinados pontos do conhecimento humano. Isto significa que um curso de Espiritismo não consiste apenas na recitação de textos doutrinários, pois é necessário aproveitar, quando cabível, qualquer enriquecimento oferecido pelas novas descobertas do pensamento, desde que tenham estas descobertas interesse para o Espiritismo. Os cursos devem ter a necessária flexibilidade para acompanhar as inovações da época sem sacrificar a parte fundamental, que é, exatamente, o ensino da Doutrina, convém sempre repetir.

Dizia-se, há tempos, que o Espiritismo não se ensina. Ouvimos e lemos esta frase muitas e muitas vezes. Mas, afinal, o que é que não se ensina neste mundo? Tudo, em suma, desde que haja quem o possa transmitir. Muitos sabem, mas não têm jeito para ensinar. É outro problema. Não se pode pensar em curso, seja de Espiritismo, seja do que for, sem Didática. Há pessoas que são didatas naturais... Como que nasceram para ensinar... Mas há outras que, embora conheçam Psicologia, Metodologia, Didática, etc., não ensinam bem, pois não têm, a bem dizer, o *dom especial* do professor. É fácil expor e dar todo o relevo à matéria que se ensina, mas não é fácil *motivar* os ouvintes para que se interessem pela lição. Neste ponto, o fator humano pesa muito. Nos cursos de Espiritismo também devem ser observados tais aspectos, embora pareçam sutilezas.

Por fim, o que pretendemos dizer é apenas isto: quando se tiver de organizar um curso de Doutrina Espírita, pois os cursos atualmente são uma necessidade cada vez mais comprovada pela experiência, logo se deve pensar em planejamento, distribuição das matérias, etc... Tudo isto é normal. Mas antes de tudo é preciso saber: QUEM vai ministrar o curso? Qualquer elemento que conheça bem a Doutrina? Até certo ponto, sim, mas não basta. É indispensável que tenha realmente embocadura para o ensino. Há muita gente que conhece profundamente a Doutrina, tem capacidade para escrever e proferir

conferências notáveis, mas não tem propriamente o jeito de dar aulas. É uma condição fundamental. Então, entre os próprios companheiros, embora sejam todos competentes, doutrinariamente falando, convém sempre escolher os que tenham vocação didática, não importa que possuam ou não qualquer diploma ou credencial curricular.

É uma observação da experiência vivida no meio espírita: não basta a cultura doutrinária; é preciso também ter Didática.

MENTALIDADE PRIMITIVA

DEOLINDO AMORIM

A influência do ambiente sobre os processos mentais já foi muito discutida entre especialistas de várias categorizações científicas, mas não deixa de ser, hoje em dia ainda, um tema de interesse em diversos campos de estudos sérios. Em linhas gerais, duas posições devem ser referidas inicialmente, como pontos de anotações: a dos *geneticistas* que atribuem mais responsabilidade aos equipamentos de origem ou à predominância do meio interno, e a dos *ambientistas* que dão mais ênfase ao meio externo. Que o indivíduo traz uma carga genética responsável, em grande parte, pela sua vida de realizações, não há dúvida, é a própria experiência que o demonstra. Mas, que sofre influências bem fortes do ambiente, que podem até modelar-lhe a personalidade em certo sentido, também não há dúvida, são dois fatores condicionantes, cada qual até certo ponto.

Ampliando mais um pouco a perspectiva do problema, vamos chegar a outro pólo de considerações, já de outra ordem, porque agora no campo da Antropologia: é a tese da *mentalidade primitiva*, que provocou muita discussão não apenas entre antropólogos, mas entre psicólogos, sociólogos e assim por diante. Levy- Bruhl, sociólogo francês (1857-1939), lançou a tese da *mentalidade primitiva*, segundo a qual o homem primitivo, ainda em estágio rudimentar de evolução, não pode raciocinar analiticamente, com a mesma facilidade, a mesma presteza, do homem que vive nos grandes centros urbanos. São tipos de vida completamente diferentes e, por isso mesmo, os processos mentais não se elaboram com a mesma frequência. Mas a essência espiritual é inalterável, em qualquer situação. O primitivo tem suas potencialidades, mas ainda está muito condicionado pelo *meio geográfico* e o *meio cultural*; seu raciocínio há-de ser naturalmente muito mais lerdo, em comparação com o homem da cidade, principalmente nos dias atuais, obrigado a pensar depressa e raciocinar sobre os mais variados problemas cotidianos. Pelo menos, em tese, Levy-Bruhl modificou, mais tarde, a sua teoria.

Por sua classificação, o primitivo é mais afeito à uniformidade, ao pensamento global, porque lhe falta aptidão para a análise. Convém repetir que a diferença entre o sistema de pensamento do homem primitivo (pensamento pré-lógico) e o pensamento lógico do *civilizado* não é de natureza, mas apenas de estágio evolutivo. E se assim não o fosse, o civilizado seria um tipo privilegiado, porque nascera já com todas as disposições para pensar logicamente, enquanto o primitivo seria condenado a permanecer para sempre

nas obscuridades do pensamento pré-lógico... Justamente neste ponto é que deve entrar a Doutrina Espírita, muito embora os antropólogos e sociólogos, em sua maioria, ainda não tenham levado em conta o princípio reencarnacionista no estudo de certas formas de cultura antiga. Diz a Doutrina que existe um "estado de natureza", isto é, uma etapa inicial de experiência em que o Espírito encarnado ainda está sujeito a condições realmente primitivas. Mas ensina, ao mesmo tempo, que o homem traz em si o *germe de seu aperfeiçoamento, pois não está destinado a viver perpetuamente no estado de natureza*. Ver O Livro dos Espíritos, questão 776.

Se o homem, conseqüentemente, em qualquer estágio em que se encontre, traz em si o germe de seu aperfeiçoamento, devendo sair, cedo ou tarde, da condição de primitivo, é óbvio que dispõe de instrumentos potenciais, mas ainda não lhe é possível fazer uso desses instrumentos. A modificação vai depender de uma série de fatores convergentes: o esforço próprio, a luta pela vida, contatos humanos, e assim por diante.

Que o ambiente ajuda a desenvolver o raciocínio, não há dúvida nenhuma. O homem que ainda está em nível de vida primário, vê o mundo pelo seu ambiente, encontra no seu meio físico os elementos básicos de sua subsistência sem ser necessário atender a certas exigências da vida social mais complicada. Seus valores, portanto, são inerentes às necessidades biológicas e às crenças instintivas. Compelido por este quadro de realidades, é natural que o homem primitivo, assim chamado, não tenha um raciocínio tão sistematizado, como acontece com o homem habituado a pensar e discutir a todo momento, diante de desafios e competições.

Este o *enfoque* que nos permite a tese da *mentalidade primitiva* ou pré-lógica. Mudando, agora, de colocação, poderemos considerar o assunto à luz da reencarnação, sem negar a influência do *meio* no desenvolvimento mental.

Em primeiro lugar, o homem primitivo não é destituído de lógica, pois é um Espírito reencarnado, com sua bagagem de experiência. Sua lógica, porém, é adstrita à situação em que se acha e à cultura que o cerca. Mas também raciocina, dentro de outro ângulo de pensamento.

Em segundo lugar, não seria possível generalizar neste terreno, visto como há pessoas que, embora estejam, hoje, em nível baixíssimo na escala sócio-cultural, demonstram espírito analítico e têm muito senso crítico, apesar de se expressarem em linguagem grosseira ou *mal-arranjada*. São Espíritos em prova e, por isso, colocados em estágio inferior, porque têm compromissos pesados. Não perdem, porém, os conhecimentos adquiridos, é que nos ensina a Doutrina. Ver O Livro dos Espíritos, questão n.º 218. Então, um Espírito pode estar encarnado como primitivo, mas tem lucidez e raciocínio lógico para muitos assuntos. Conhecemos muita gente assim. Espíritos que, nesta existência, vieram à Terra com dívidas enormes, passam pela experiência de carroceiro ou trabalhador de enxada, mas não deixam de revelar, quando provocados, que não são tão brancos como parecem. Por quê? Justamente porque trazem conhecimentos do passado, embora estejam, agora, sujeitos a uma reencarnação penosa ou difícil» sob a compressão de um ambiente desigual.

Como estamos vendo, nem todo e qualquer indivíduo, pelo fato de estar vivendo em grupo primitivo, é tacanho ou ingênuo. É uma contingência da reencarnação. Há também os casos em que um Espírito de certo adiantamento reencarna em grupos atrasadíssimos a fim de auxiliar o progresso de seus semelhantes. Ver O Livro dos Espíritos, questão nº 178. A Doutrina fala em mundos inferiores, mas a extensão do pensamento doutrinário nos leva a explicações de muitos casos observados, aqui mesmo, em determinados ambientes.

Muita luz, portanto, poderia fazer a Doutrina Espirita na elucidação de uns tantos problemas, discutidos fora da área espírita, já do ponto de vista histórico, já do ponto de vista reencarnacionista, cujas implicações interferem ora neste, ora naquele aspecto sensível da Criminologia, da Antropologia Cultural, etc. Mas as teses espíritas ainda não penetraram no meio universitário, a não ser esporadicamente, e às vezes timidamente. É questão de tempo. Muitos problemas, entretanto, poderiam ser até reformulados à luz do Espiritismo com o concurso da reencarnação, se este princípio das vidas sucessivas já estivesse sendo levado em conta, ainda que fosse como hipótese de trabalho.

CAMPANHA DA NÃO-VIOLÊNCIA

CELSO MARTINS

Nilópolis é um minúsculo município do Estado do Rio de Janeiro. Encravado na Baixada Fluminense, tem expressivo comércio, alguma indústria, estabelecimentos bancários, muitas escolas, sendo cortado pela Rodovia Rio-São Paulo e servido pela Rede Ferroviária Federal. Com grande densidade demográfica, Nilópolis apresenta também entusiasmado movimento espírita que, há anos, realiza todos os anos uma feira de livros doutrinários. Ali tenho amigos de longa data, militantes com muito amor da nossa Doutrina dos Espíritos.

Pois muito bem! A União Municipal Espirita de Nilópolis realizou recentemente, e a nível estadual, uma campanha contra a violência, culminando com a elaboração de um decálogo que merece transcrição. Eis então cuiiiio voce, caro leitor, pode colaborar na edificação de um mundo de paz:

1. °) Procure controlar suas reações agressivas. Quando provocado, não revide; defenda-se, apenas, se for preciso.
2. °) Colabore para manter a paz no seu lar, entre os colegas e nas vias públicas, não participando nem incentivando brigas e discussões.
3. °) Não coloque apelidos pejorativos, nem ofenda a sensibilidade alheia com palavrões, grosserias e gritos ou aparelhos de som ligados em volume muito alto.
4. °) Respeite as pessoas idosas, embriagadas, estrangeiras, doentes mentais ou mendigas. Respeite, para ser respeitado.
5. °) Retire das calçadas cacos de vidro e **cascas** de frutas que possam provocar

acidentes; não atire pontas de cigarro ou objetos de janelas e sacadas, sem observar se passa alguém.

6.) Selecione leituras, filmes e ambientes de lazer. A pornografia é um dos tóxicos mais perigosos.

7.º) Não danifique bens públicos ou alheios (hospitais, escolas, orelhões, jardins, praças, trens, ônibus, carros, etc.).

8.º) Colabore com a Ecologia não poluindo o ar, as águas, as praias, as vias públicas, as escolas, tratando com respeito as árvores, as plantas, os animais.

9.º) Preserve a sua vida e a dos demais semelhantes, não abusando da velocidade, nem correndo riscos desnecessários ou cultivando vícios perigosos (bebidas alcoólicas, tóxicos, etc.).

10.º) Acate com boa vontade a disciplina usada no lar, na escola ou no local onde você trabalha.

Lembre-se de que a paz do mundo começa com você!

ESPIRITISMO E SOCIOLOGIA

CELSO MARTINS

Antes de sermos espíritas, somos um Espírito encarnado num mundo material. E por isso mesmo, vivemos entre os homens, estamos inseridos num contexto social, somos membros de uma família maior que é a Humanidade.

Podemos então analisar as implicações da filosofia de O LIVRO DOS ESPÍRITOS na ciência sociológica, auferindo daí, valiosos subsídios para a melhor compreensão de como podemos e devemos contribuir justamente para a melhoria social do mundo em que vivemos.

Em OBRAS PÓSTUMAS encontramos as seguintes ponderações de Ollan Kardec:

"Boas leis contribuem sem dúvida para melhorar o estado social, mas são impotentes para assegurar a felicidade dos homens, porque apenas coíbem as más paixões, sem destruí-las. (...) são mais repressoras do que moralizadoras, refreando apenas as más ações que se salientam, sem destruir-lhes a causa. (...) A lei civil modifica (o homem) apenas superficialmente; só a lei moral pode penetrar o foro íntimo da consciência e reformar os homens".

Anotou mais ainda Kardec:

"... por melhor que seja uma instituição social, se os homens forem maus, eles o corromperão, desnaturando-lhes o espírito para poder explorá-la em proveito próprio. Quando os homens forem bons farão boas instituições, que serão duradouras porque todos terão interesse em conservá-las".

Aí está, caro leitor, porque o movimento espírita brasileiro insistentemente preconiza a urgente necessidade da reforma moral dos caracteres humanos. Eis porque em nossos livros, em nossos jornais, em nossos estudos nas casas espíritas, nas palestras públicas, enfim, em todas as nossas atividades de difusão doutrinária, tanto os confrades

encarnados como os Espíritos que escrevem através de abnegados médios, insistem tanto e tanto neste tema — a reforma íntima de cada um e de todos nós como o ponto de partida para a melhoria do panorama do mundo inteiro.

Como Espíritos encarnados, estamos inseridos, como se sabe, num contexto social. E é nosso dever cooperar na melhoria de seu padrão vivencial. O mundo seria muito mais limpo, diz o provérbio oriental, se cada um varresse sua calçada. As trevas não seriam tão intensas se cada um acendesse a sua própria lamparina, não é mesmo? Seria alguma coisa, e alguma coisa é muito melhor do que coisa alguma!

Naturalmente, a nossa parcela de contribuição para a melhoria social do Globo tem de ser oferecida com simplicidade, com espontaneidade, sem ares de santarrose nem intuito catequista. O exemplo é ainda a melhor forma de influir sobre o ânimo das demais criaturas que nos rodeiam.

Não parece, mas nisso se radica fundamentalmente o papel religioso ou moral que o Espiritismo exerce como elemento de melhoria social. Aí estão as aplicações práticas e imediatas da filosofia de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS* nos domínios da Sociologia com o fito de cooperar na solução dos problemas sociais. Comentando a pergunta e a resposta de n.º 918, assim se expressou o Mestre lionês:

"O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele, enfim, se fez para os outros tudo o que queria que os outros lhe fizessem."

"(...) Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, olha essas coisas como um depósito do qual deve usar para o bem, e disso não se envaidece porque sabe que Deus, que lhes deu, também poderá retirá-los".

"Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral e não para os esmagar com o seu orgulho."

Caríssimo leitor: Como diz Kardec ainda em *OBRAS PÓSTUMAS*, no preâmbulo ao Credo Espírita, a verdadeira chave da felicidade dos homens está no melhoramento dos indivíduos e das massas. Sem dúvida, ele se inspirava em seu mestre de Yverdun (Suíça), o insigne Pestalozzi, de quem é este ensino lapidar e sempre oportuno:

"O único meio de pôr termo à desordem social, às fermentações e revoltas populares, assim como aos abusos do despotismo dos príncipes e das multidões, é enobrecer o homem."

CARMEN CINIRA

CELSO MARTINS

Humberto de Campos inseriu em seu livro *SOMBRA QUE SOFREM* uma das crônicas mais huma' nas escritas na Imprensa carioca em sua condição de jornalista muito

benquisto.

Na primeira parte do labor literário, o cronista narra como foi apresentado por Olegário Mariano, Ademar Tavares e Luiz Carlos, na Academia Brasileira de Letras, a Cármen Cinira. Era uma linda moça, quase menina; morena, grandes e profundos olhos turcos, de veludo negro, trazia nos traços, e nessa tarde, no vestuário, todos os atributos de uma jovem princesa oriental.

Depois, a poetisa passou a enfrentar o lado doloroso da vida. Tanto que se viu na contingência de se separar do esposo, razão por que já na segunda entrevista com Humberto de Campos, na Livraria Freitas Bastos, ele não lhe descobre a exuberância vital dos anos anteriores.

O terceiro e derradeiro encontro se deu, ainda na mesma Livraria, e aí, o então futuro Irmão X chega a declarar que, se antes a vida daquela criatura era um roseiral, agora era apenas um deserto. É que a tuberculose minara os pulmões, envelhecendo um corpo onde havia um coração no qual residia uma grande Alma.

Na segunda parte do seu escrito, H. de Campos fala de sua morte e inclui um dos mais lindos sonetos por ela produzido, como bem poderá avaliar o meu caro leitor a seguir. Ei-lo:

Creio em Deus, que gerou, sob a magnificência De um mistério estupendo, a terra e o mar profundo: Creio em Deus, que revela a singular essência Na perfeição da flor, nas grandezas do mundo...

* *

*

Creio em Deus, que retrata a enorme sapiência Nas leis universais, na luz do sol fecundo; Creio em Deus, que demonstra a sua onipotência Na fé que purifica e alenta o moribundo... Deus, que fez o perfume, as flores, a amplidão, Desde o céu constelado à relva de veludo: Deus, que o morto alevanta, e é carinho e perdão...

*

*

Deus, o fanal do Bem, que chama o pecador, Que faz a criatura e que, acima de tudo, Fez a música, o sonho e os milagres do amor...

* *

*

A autora deste tão lindo soneto soube, com impressionante bravura, enfrentar a aproximação da morte. No dia de seu decesso, chamou a mãe e lhe disse com tranquilidade:

— A morte não tarda... Quando ela chegar, não quero mortalha fúnebre. Vistam-me um dos vestidos brancos que tenho. Se não encontrarem, envolvam-me num lençol. O meu caixão deve ser pobre, de terceira classe. Não desejo lágrimas, nem missas, nem orações. Quero apenas que os que me quiserem bem, se concentrem e pensem em mim.

E, quando vê chegar mais perto a hora da partida, vendo que o pai em Espírito já se aproximava para auxiliá-la no transe da desencarnação, exclama radiante de júbilo:

— A vida é um cárcere... A morte é a liberdade...

Partia, assim, a 30 de agosto de 1933, para a Pátria da Verdade, aquela que na Terra fora Cinira do Carmo Bordini Cardoso, nascida a 1902, na cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, ei-la junto do médium Chico Xavier, lá em Pedro Leopoldo (interior de Minas Gerais) escrevendo versos como os que se seguem, consolando todos aqueles que, como ela mesma, sofrem dores físicas e morais:

* * *

Vem ao Mestre que ampara os pobrezinhos, Que esclarece e conforta os sofredores...
Pois com o mundo uma flor tem mil espinhos Mas com Jesus um espinho tem mil flores...

* * *

Lendo posteriormente o livro SEAREIROS DA PRIMEIRA HORA, do professor Ramiro Gama, eis que passei a saber que Carmen Cinira já estaria em processos de reencarnação, em vias de voltar ao mundo físico, decerto para seguir em sua trajetória luminosa de unir o Belo ao Verdadeiro, compondo versos onde não sabemos que mais admirar: se a beleza da forma clássica perfeita, se a majestosa mensagem de espiritualidade!

SUCESORES

CELSO MARTINS

Representa para mim a leitura uma das maiores fontes de ventura espiritual, daí viver lendo todo o tempo disponível. Assim, estava a ler, certa ocasião, o livro GRANDES LINHAS DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA, de autoria de Guy Jacquin, e nele encontrei um certo trecho que, a meu ver, tem um certo cabimento em nosso meio espírita brasileiro. Jacquin faz a certa altura esta advertência:

"O primeiro cuidado de um educador, bem como de todo responsável digno desse nome, deve ser o de descobrir e formar um sucessor. Não com a preocupação do potentado que dota sua progenitora e dá títulos nobiliárquicos a seus servidores preferidos, mas com essa preocupação da estabilidade e da continuidade que são mais necessárias à educação do que a outro qualquer encargo: se ninguém, depois de nós, continuar o nosso trabalho, em breve se arruinarão as paredes dessa casa sem teto."

Não desejo que o meu leitor tome estas palavras ao pé da letra no que se refere ao movimento espírita. Apenas chamo a atenção para o espírito da ideia aí expressa, analisando a necessidade que temos todos nós, espíritas militantes, de ter sucessores para que nossas atividades não venham a sofrer solução de continuidade, no futuro, por falta de elementos capazes e laboriosos após a desencarnação ou mesmo enfermidade de alguns dos atuais dirigentes das instituições espíritas.

É preciso que cuidemos de formar nossos sucessores, quer dizer, de orientar nossos jovens em suas respectivas mocidades de tal modo que possam, pela ordem natural das coisas, vir a ser mais tarde os continuadores de nossas atividades administrativas, doutrinárias, assistenciais e mediúnicas.

Muito embora o Espiritismo seja dirigido pelo Alto, que em absoluto se prende aos caprichos e às imperfeições que nós, homens, exibimos muitas vezes, nem por isso deixa de ser isto motivo para descurarmos da preparação dos moços. Que eles tenham pois a nossa assistência amiga, a nossa orientação fraterna, conscientizando-se da importância do Espiritismo no mundo atual, arregimentando forças físicas e morais, armazenando conhecimentos doutrinários, cultivando a fraternidade, a união, a humildade, o desejo de servir e de ser úteis, de modo que peguem, depois de nós, no arado, arregacem as mangas e se atirem ao serviço espírita sobretudo zelando por um patrimônio que nos foi legado e que nos cabe, senão engrandecer, pelo menos não desbaratar!

Deslocou-se da cidade do Rio de Janeiro o confrade e advogado Orlando Sobreira em 18 de julho de 1952 até Pedro Leopoldo (Minas) a fim de receber do Espírito Emmanuel, através do Chico Xavier, uma palavra deste mentor da Espiritualidade, sobre o movimento das mocidades e juventudes do Brasil. Uma palavra que lhe servisse de orientação do Plano Maior para as nossas atividades na seara espírita.

O bondoso mentor de Francisco Cândido Xavier respondeu com a mensagem que segue abaixo e que teve, na época, a devida difusão. Ei-la:

"Meu amigo, muita paz.

Não atingiremos a colheita digna e farta sem atenção para com as tarefas da sementeira.

A mocidade espírita, ajustada à luz do Evangelho, é, sem dúvida, a esperança do porvir. Oferecer-lhe a nossa melhor colaboração, estimular-lhe o entusiasmo no Bem, induzi-la à execução dos programas cristãos da Fraternidade, constituem atividades do nosso mais simples dever.

Creemos que o jovem atento à experiência da maturidade, sinceramente interessado na concretização dos princípios superiores de nossa Doutrina de Amor e de Luz, é a coluna de nossa prosperidade doutrinária, para a qual devemos convergir os nossos mais valiosos esforços de preparação.

A juventude espírita-cristã é por isso a base santificante do nosso futuro na Terra. Que o Senhor nos abençoe.

Assinado: Emmanuel."

Caríssimo leitor: Eis aí a mensagem do Espírito Emmanuel. Depois de lê-la, depois de meditá-la, perguntemos a nós mesmos o que estamos fazendo para seguir o oportuno conselho, a segurança orientação no sentido de integrar todo o potencial dos moços em nossas atividades espíritas. Trata-se de um excelente material humano que não podemos de modo algum deixar de direcionar para o serviço do bem na construção de um mundo melhor e de uma Humanidade um pouco mais feliz, não é mesmo?

ESPECIALIZAÇÃO E CULTURA GERAL

DEOLINDO AMORIM

Em artigo publicado, há três anos, sobre Jornalismo e Comunicação, no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, afirmei: "Se é verdade que estamos vivendo a época da especialização, mas especialização em quase tudo, e não podemos fugir a essa contingência histórica, também é verdade que a cultura geral ainda tem o seu lugar na vida."

Como já se disse, inúmeras vezes, e é bem certo, o excesso de especialização reduz sensivelmente a perspectiva do Espírito e, por isso mesmo, toma-se prejudicial à visão do conjunto. É justamente o que acontece com as pessoas que se fixam demais em determinada área do conhecimento, especializando-se neste ou naquele ângulo, com rigorosa exclusividade e não tomam conhecimento, a bem dizer, de mais nada que esteja fora de sua estrita área cultural. Lembro-me, a propósito, de haver lido (não me recordo mais em que revista) o caso de um cirurgião norte-americano, demasiado especialista na técnica cirúrgica em que era dos mais peritos. Um dia, porém, um dos netos, em dificuldade com problemas de Geografia, perguntou-lhe em que região corria o rio Tal ou Qual, nos Estados Unidos, e o avô respondeu, simplesmente, que ignorava, pois só cuidava de sua especialidade... Mais ou menos, é o caso de muita gente.

A especialização profissional, hoje em dia, é uma imposição da realidade social, queiramos ou não. Na Medicina, como no Direito, na Engenharia ou na produção industrial, os campos de trabalho são cada vez mais especializados. O Direito, por exemplo, é de uma amplitude incalculável, pois abrange o ser humano em todas as situações e contingências. Os mestres e cultores do Direito qualificam-se diversamente entre civilistas, romanistas, internacionalistas, constitucionalistas, e assim por diante: na vida profissional, por sua vez, as atividades desdobram-se em muitos campos, como no foro trabalhista, no criminal, no cível, etc., etc. Mas, por mais que se detenha nesse ou naquele ramo, o especialista não deve dispensar o conhecimento geral do Direito, uma vez que todos os domínios da cultura jurídica estão vinculados entre si, por força de princípios básicos, ainda que cada qual tenha, necessariamente, sua feição específica.

Por extensão de exemplos, podemos considerar o caso do Espiritismo. Tem ele, na realidade, pontos de contato com diversos ramos do conhecimento humano, o que, aliás, já se assinalou, em muitas oportunidades, identificando o próprio pensamento de Allan Kardec. Se alguém quiser, suponhamos, especializar-se nesse ou naquele aspecto, seja o fenômeno, seja o filosófico, não importa qual a preferência, terá muito o que estudar e aprender, mas está sujeito a correr o risco de uma deformação desde que se concentre exclusivamente no prisma que mais lhe interesse, sem uma noção global, sem instrumentos que lhe permitem alcançar toda a estrutura do Espiritismo, cujo caráter não está somente nas manifestações mediúnicas, assim como não se resume na pura especialização

filosófica, tampouco se configurando no ato de orar. Temos que aprendê-lo em seu verdadeiro sentido abrangente, como um TODO, e não por um departamento sparado.

Em relação à cultura geral, evidentemente, o Espiritismo tem muito o que ver com diversas províncias do conhecimento básico. O fato de o estudarmos a fundo, e de nos entregarmos de corpo e alma às atividades espíritas — não significa que possamos desprezar tudo o mais que represente experiência e conhecimento. Quem faz cultura espírita, na acepção justa, não pode *fechar-se* em seu mundo, como se fosse um reduto de ideias, e fazer, como se diz, *tabula rasa* de outras fontes ou de outros ramos de literatura inerente aos problemas espirituais. Claro que o discernimento se faz absolutamente indispensável, pois as pessoas que não sabem discernir no momento exato estão sujeitas a aceitar tudo *a priori* e, por fim, terminam *embaralhando* os assuntos. Mas o espírito da Doutrina é comunicativo por natureza e, por isso mesmo, devemos alargar sempre os nossos horizontes, sem comprometer, é óbvio, as nossas posições já definidas perante o Espiritismo.

Como poderemos, afinal de contas, reafirmar a validade dos conceitos espíritas, sem a leitura de obras correlatas, sem incursões na cultura geral, se o Espiritismo trate de questões atinentes à Biologia, à Psicologia, ao Direito (sob determinados pontos de vista), à Sociologia, por exemplo? A Doutrina veio para todos — letrados e iletrados — e não pede certificado de erudição para ser entendida. *JÉ* verdade! Mas, não se pode apoiar a *desinformação*, o pouco caso quanto à pesquisa bibliográfica ou científica, como se o Espiritismo não tivesse flexibilidade para conviver com ideias e princípios válidos, noutras esferas do conhecimento.

Qualquer forma de exclusivismo, seja em que matéria for, tanto quanto no Espiritismo, termina por transformar-se em desfiguração da realidade. Se o Espiritismo deve caminhar com as ciências — como ensina a Codificação — naturalmente aceite contribuições apreciáveis, embora sejam de procedência não-espírita, pois o fio da verdade, que é sutil e, quase sempre, imperceptível, liga todos os focos do saber.

Convém distinguir, entretanto, dois procedimentos bem característicos, a este respeito: em primeiro lugar, o daqueles que confundem, e nunca esclarecem, porque citam obras diversas, indiscriminadamente, apanham quaisquer conceitos a esmo, recorrem, simultaneamente, a teorias e doutrinas até contraditórias sem uma ordenação clara de qualquer ponto de contato, se porventura existe; em segundo lugar, e muito pelo contrário, é o procedimento daqueles que trazem enriquecimentos à cultura espírita, servem-se de fontes estranhas ao Espiritismo, mas no momento oportuno e no lugar certo, porque sabem o que querem e podem situar o pensamento espírita em qualquer contexto, sem que fique a menor dúvida, e, muito menos, confusão.

Nesta ordem de ideias, finalmente, podemos compreender muito bem que, ao invés de querer enclausuramento intelectual de seus adeptos, a Doutrina Espírita oferece elementos que nos abrem o caminho do entendimento, a cada passo, a fim de que possamos descobrir ideias e ensinamentos aproveitáveis em qualquer domínio do pensamento, sem que seja necessário abandonar a posição espírita ou camuflar as afirmações da

Doutrina. Há ensinos universais, independentemente da terminologia privativa dessa ou daquela corrente do pensamento. A visão lúcida do verdadeiro espírito humanista, quer na sabedoria dos instrutores espirituais, quer nos conhecimentos gerais, sabe identificar pensamentos corretos e duradouros em qualquer configuração, acima de seitas, escolas e grupos fechados, pois a palavra-mestra, que não é de ninguém, mas é de todos, por ser impessoal e luminosa, jamais poderá ser ofuscada pelos interesses transitórios. Nunca será demais lembrar o conselho de Paulo de Tarso: ler de tudo e reter o melhor, segundo o entendimento popular.

“Em conclusão, se a Doutrina Espírita é humanista, já pelo seu conteúdo, que toca em diversos ramos da cultura humana, já pelas suas consequências, com visão à posição e ao melhoramento do homem, em todos os graus da evolução biológica, social, intelectual e moral, não pode deixar de suscitar interesses pelas experiências e aquisições que venham aumentar o patrimônio da Humanidade, não apenas do ponto-de-vista cultural, mas, ainda, e principalmente, do ponto-de-vista espiritual. Daí se seguem, naturalmente duas considerações finais:

1.*) embora se possa dar muita ênfase a esse ou àquele aspecto do Espiritismo, em razão de afinidades ou predisposições individuais, nunca se deve perder de vista o conjunto, a organização global da constituição doutrinária, sem o que o pensamento espírita continuará a ser prejudicado por uma forma de *especialização exagerada*, como se nota, hoje, perante a cultura; e 2.*) conquanto a exposição ou interpretação do Espiritismo comporte muito bem quaisquer elementos de elucidações colhidos em vertentes diversas (desde que procedentes), os conceitos espíritas devem ser apresentados com a indispensável precisão, a fim de que nunca se obscureça a posição do Espiritismo.

OS FILHOS DO REI (Conto)

CELSO MARTINS

Faltava nos céus a suave luz da Lua, no entanto, nem por isto a madrugada deixava de ser bela! É que pelo azul do firmamento escampo, dentro daquele negrume, milhões de estrelas piscavam como se fosse vaga-lumes ...

Agradável perfume de redolentes jasmims se espalhava em derredor do palácio suntuoso do velho rei, infundindo em qualquer mortal uma inefável sensação de bem-estar.

Contudo, o monarca não se sentia bem.

Abandonou o macio leito de plumas, afastou-se dos lençóis de seda acetinada, saiu do aposento tranquilo, atravessou vários corredores mergulhados na penumbra e veio ter a um vasto balcão que olhava para o jardim florido. E tendo a fisionomia cansada, porque perdera a esperança de conciliar o sono interrompido por terrível pesadelo, preferiu tomar um pouco do ar fresco e se deixou a observar extasiado o tremeluzir das estrelas.

Não entendeu a razão daquele sonho mau. Tivera uma noite alegre a ouvir música, jantando frutos-do-mar, saboreando finos licores, degustando saborosos frutos

orientais. Por que aquele pesadelo horrível? Talvez por ser solteirão — não ter ainda (apesar de seus sessenta e tantos anos) encontrado uma companheira dedicada que lhe desce um filho varão. Ao lado de uma esposa, sem dúvida seria feliz. Não precisaria atirar-se a paixões grosseiras com escravas nativas de longes terras. Uma criança loura, de olhos azuis, seria para ele uma jóia rara... Bem mais valiosa do que os falcões com os quais caçava. Do que os fogosos corceis com os quais passeava pelos prados e bosques que se estendiam além das colinas verdejantes que rodeavam seu luxuoso palácio de mármore com piscinas de águas cristalinas.

Por que aquele pesadelo tenebroso?

Talvez porque à tarde conferenciasse com seus ministros e deles soubesse que o povo não estava contente com os crescentes aumentos de impostos, já que era tempo de escassez. Avassaladora seca crestara as searas e os celeiros não se mostravam fartos, como nos anos anteriores. Mas ele deveria recolher mais e mais tributos a fim de sustentar o luxo da Corte, o fausto da nobreza, os gastos de seu aguerrido exército em pelejas em terras distantes.

Por que aquele pesadelo estranho?

£ o pobre rei olhava as estrelas tentando nelas descobrir a resposta à sua inquietante indagação.

Tão compenetrado estava, e tão angustiado, que não percebera a chegada de seu conselheiro-mór.

— Que sentis, Majestade? Em que posso servir-vos?

Num estremecimento o monarca deu acordo de si e viu-se diante do amigo e confidente. Correu-lhe ao encontro, abrindo o coração.

— Bom irmão, tu podes, sim, ajudar-me. Tens experiência. Estudaste muito com os magos, conheces filosofia e línguas, ciências e artes. Orienta-me!

— ó Majestade, se eu vos puder ser útil, sê-lo-ei com respeitoso prazer.

— Tive um sonho mau! Ou melhor, sofri o ataque de um pesadelo! Eu me vi rodeado de muitas crianças maltrapilhas, macérrimas, de ventre volumoso, pés no chão, a pele com feridas, marcas fundas no rosto! Um quadro triste, muito triste mesmo... E o que me aterrou — e me fez acordar apavorado — foi perceber que estas crianças, em bandos de dezenas, vinham todas ameaçadoramente em minha direção, com varapaus, querendo ferir-me... matar-me... O que significa isto, meu bom irmão?

O conselheiro real ficou confuso. Esfregou os olhos, passou a mão nervosamente pela testa suada e entrou a cofiar a barba melancolicamente. Que explicação poderia alinhar para assesturar o coração do velho rei, que ali estava como se ele mesmo fosse uma criança acuada pelo medo?!

— Não me respondes, conselheiro? Que é do teu conhecimento profundo que não me deslinda este meu sonho ruim? Queres saber mais? Não á de hoje que venho tendo este pesadelo terrível. Mas hoje foi por demais intenso! Tive até de deixar o leito e tu me encontraste aqui buscando nos astros uma resposta para minha inquietante pergunta.

— Bondoso monarca, para vos ser sincero, não sei o que vos dizer. Mas acaba de

chegar à nossa cidade um beduíno que vem do deserto. E um estranho, um forasteiro. Disseram-me que ele entende de Astrologia, sabe desvendar o futuro humano nas linhas das mãos. Que ele ouve e vê Espíritos. Conversa com defuntos. Mais ainda; disseram-me que ele cura até moléstias antigas para as quais os nossos médicos e nossos magos se sentem impotentes.

— Então, meu amigo, sem mais demora providencia a vinda já deste beduíno até aqui — ordenou o rei, não reparando na impropriedade das horas.

— Majestade! Agora? Não podeis esperar até ao raiar do novo dia?

— Não, meu amigo. Tenho urgência! Despacha logo um soldado até onde se recolha este forasteiro. Faze isto com a máxima brevidade, que meu coração está estourando, está aos saltos dentro de meu peito.

Não teve outra alternativa o conselheiro senão fazer o que seu amo ordenava. Meia hora mais tarde, um soldado trazia à presença real um assustado estrangeiro que, uma vez diante do monarca, caiu de joelhos, em prantos!

— Majestade, eu vos imploro clemência! Não me mandeis passar ao fio da espada! Nem me atireis ao calabouço! Não sou malfeitor, não! Estou em suas terras apenas de passagem e prometo não fazer mal a ninguém.

— Ergue-te, meu rapaz — exclama o rei, estendendo-lhe a mão. Nada tenho contra ti. Pelo contrário, de ti só tenho referências elogiosas. E preciso do teu auxílio.

Visivelmente conturbado, o forasteiro se pôs de pé e ficou a olhar, ora para o rei, ora para o conselheiro, ora para o soldado, sem nada entender. O monarca faz um gesto e convidou o soldado a retirar-se, levando o beduíno e o conselheiro para um cômodo contíguo, onde tomaram assento perto de lauta mesa, coberta de iguarias e licores. E passou a relatar ao viajante o seu sonho mau, pedindo-lhe o significado.

— Dar-te-ei tesouros, cavalos, roupas, o que desejares, se me deres solução para o meu caso.

De início, um tanto medroso, depois com mais desenvoltura e segurança, o forasteiro explicou:

— Bondoso rei, é-me muito fácil decifrar o vosso sonho. Nada, absolutamente nada quero pelo simples fato de desvendar semelhante visão. Apenas eu vos suplico a bondade de abrir uma escola onde poreis a estudar os órfãos dos soldados que morrem na guerra que empreendeis no Oriente. E mais — ó rei — cessai logo esta luta que apenas tem enfraquecido tanto o vosso reino e ensanguentado as vossas mãos!...

Estupefato, o rei sem disfarçar seu enfado e seu desapontamento, despediu o forasteiro, declarando ao conselheiro-mór que aquele homenzinho insolente não passava de um desafortado embusteiro, metendo o bedelho em coisas que não eram de sua conta!

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

DEOLINDO AMORIM

Encontramos estas palavras em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Capítulo III: "A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos, que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos". É este, como todos sabemos, o ensinamento da Doutrina.

Independentemente da boa vontade ou da má vontade dos homens, o tempo sempre corrige muitas ideias e confirma previsões muitas vezes consideradas fantasiosas. Tem razão a sabedoria popular quando confia na ação do tempo. O espírito humano precisa realmente amadurecer para certos assuntos. IÉ o caso por exemplo da pluralidade dos mundos habitados, concepção que a Doutrina Espírita esposou desde o século XIX. A ideia já vinha de longe, identificada entre diversas configurações do pensamento antigo, mas o certo é que coube ao nosso século, naturalmente com um aparelhamento sofisticado e com a aquisição de recursos que outras civilizações não poderiam possuir, abrir o campo à investigação científica e ao debate amplo.

Já existe, hoje, a bem dizer, uma bibliografia especializada neste sugestivo ramo de inquirições, não apenas científicas, mas também filosóficas, com repercussão até nas ideias religiosas. A concepção pluralista nos dá uma visão maior do Universo e, conseqüentemente, nos faz procurar Deus através de uma infinidade que ultrapassa à visão tradicional de um Deus circunscrito ao universo imaginado pelas nossas acabadas possibilidades de compreensão. Se estamos caminhando para comprovações de que existem, de fato, outros mundos habitados, obviamente a nossa concepção da Humanidade há de ser ampliada muito mais e, com ela, a ideia de leis que regem esse incalculável conjunto de mundos e seres, não de um modo arbitrário ou por mero acaso, mas sob a direção de uma inteligência suprema: Deus!

Embora não sejam coincidentes as tendências filosóficas dos estudiosos e pesquisadores que atualmente se consagram a este assunto, em diversos pontos do mundo, já se pode dizer que os trabalhos até agora divulgados convergem para uma ideia central: a possibilidade, agora com elementos de indução muito bem definidos, da existência de outros mundos habitados. Não é mais uma indagação vaga e remota, porém, um passo avançado no conhecimento humano, a abrir novos horizontes à inteligência inquiridora.

É natural que nos sintamos fortalecidos em nossas posições, uma vez que opiniões e deduções das mais credenciadas, e sem compromisso com o pensamento espírita, estão confirmando proposições lançadas há mais de um século pela Codificação de Allan Kardec. Sob este ponto de vista, qualquer trabalho que estude a questão da pluralidade dos mundos habitados com *ênfase* espírita deve ser recebido com o maior interesse em

nosso meio. Por isso mesmo, fazemos questão de assinalar, aqui, a publicação de um livro, que vem exatamente pôr em foco as ideias espíritas em confronto com declarações e conclusões favoráveis à concepção de pluralidade dos mundos habitados. O livro chama-se *Buscando a Vida nas Estrelas*, de José Náufel (Editora Rigel, São Paulo, 1979). O livro traz muitas informações, mas o autor, por sua vez, contribui com suas observações e reflexões e não se satisfaz com a reprodução pura e simples de resultados já publicados. Todavia, não deixa de fazer uma advertência criteriosa: "Em *Buscando a Vida nas Estrelas*, procuramos ajudar cada um a chegar a uma conclusão racional, conciliando o pensamento filosófico-religioso com o acervo de conhecimentos científicos da atualidade". E completa: "Deixamos a cada um a tarefa de analisar, raciocinar e concluir".

Antes de chegar especificamente às fontes espíritas, o que está bem explícito a partir do capítulo IX, o autor coloca diante do leitor tanto uma bibliografia adequada, quanto opiniões das mais insuspeitas, colhidas em contextos diversos, não importa a direção filosófica ou religiosa, pois o que está em causa é a tese da pluralidade dos mundos habitados, considerada à luz do discurso científico de hoje. A formação jurídica do autor de *Buscando a Vida nas Estrelas*, mais afeita, por natureza, aos fenômenos sócio-culturais, não lhe desviou a ótica espiritual da perspectiva de outra ordem de problemas, atinentes a ciências em franco desenvolvimento na atualidade em virtude da renovação de conceitos e do enriquecimento de experiências. Se não é um especialista fora da cultura profissional, não lhe falta, entretanto, a índole do espírito científico, da sede de saber e da preocupação constante de transpor as limitações dos conhecimentos feitos.

Precedido de uma introdução histórica, _na qual se identificam pelo menos certos vislumbres ou intuições da existência de outros mundos habitados, a obra de José Náufel reúne material informativo em capítulos seguidos, com *clichês* ilustrativos, demonstrando que o assunto, hoje em dia, constitui preocupação a bem dizer absorvente em círculos científicos laboriosamente empenhados nesse atraente e gravíssimo ramo de pesquisas. Pediríamos a atenção, por exemplo, para o capítulo referente ao Simpósio de Boston.

"Abrindo os trabalhos do Simpósio, Berendzen lembrou que, na geração passada, quase todos os cientistas teriam sustentado, muitas vezes *ex-cathedra*, que provavelmente não existe outra vida no universo além daquela que nós conhecemos aqui na Terra. Mas, como Martin Röss pôs sucintamente "A AUSÊNCIA DE PROVA NÃO É PROVA DE AUSÊNCIA". (Colocamos a transcrição em caixa alta, por nossa iniciativa). É um dos capítulos mais objetivos. Enfim, *Buscando Vida nas Estrelas* é um livro bem atualizado.

Convém, agora, ainda que resumidamente, reconhecer o relevo que, no momento exato, o autor soube dar às previsões espíritas, notadamente nos capítulos XII, XIII, XIV, XV, XVI. Fê-lo com evidente segurança e propriedade. Convenceu-nos, mais uma vez, do acerto com que Allan Kardec e Flammarion preconizaram a tese, hoje objeto de estudos e

pesquisas que, no fim, reafirmam a palavra do Cristo: "Na casa de meu Pai há muitas moradas".

Citando abundantemente *O Livro dos Espíritos*, o dedicado e culto autor de *Buscando Vida nas Estrelas* mostra claramente que a concepção da pluralidade dos mundos habitados já está integrada no corpo da Doutrina Espírita. Cabe à Ciência moderna dar-lhe plena confirmação, mais cedo ou mais tarde.

Para encerrar esta crônica, que tratou do livro sumariamente (é natural que o confessemos) nenhum conceito mais apropriado e significativo do que aquilo que escreveu o autor ao abrir o capítulo XIV:

"O rápido estudo comparativo que acabamos de fazer entre as mais modernas concepções científicas, devidamente comprovadas, e os conhecimentos, também científicos, revelados pelo Espiritismo — codificado por Allan Kardec — demonstra que a doutrina espírita não está divorciada da Ciência".

Os resultados dos estudos a que já chegaram tantos estudiosos e pesquisadores, através de uma experiência histórica inegavelmente apreciável, não deixam a menor dúvida de que estamos caminhando, passo a passo, para a verificação de que a Ciência confirmará o ensino dos Espíritos. *Buscando a Vida nas Estrelas* é, por isso mesmo, um livro de grande utilidade no momento.

INOVAÇÃO E ORIGINALIDADE

DEOLINDO AMORIM

Embora tenha incorporado ideias e experiências muito antigas, como a sobrevivência, a vida futura, a comunicação dos espíritos, a reencarnação, a moral cristã, por exemplo, a Doutrina Espírita não é uma *colcha de retalhos* nem tampouco uma complicação de diversas teorias. O fato de não ser original naqueles pontos, que lhe são muito anteriores, não quer dizer que não constitua uma estrutura própria pela sua natureza. Entretanto, a crítica ao Espiritismo às vezes formula esta objeção: a falta de originalidade, justamente nos pontos básicos. E qual é a doutrina, a escola filosófica, a civilização inteiramente original? O próprio Cristianismo, como se sabe, recebeu enxertos inevitáveis de ideias matrizes, como o Judaísmo, principalmente. O Catolicismo, por sua vez, absorveu material de procedência diversas, até do Paganismo. Em matéria de civilização, os romanos usufruíram muito do pensamento grego, porém, os gregos beberam muito no velho Egito, e assim por diante.

Onde a originalidade absoluta? Vamos ao caso do Espiritismo. Se é verdade que o intercâmbio entre *mortos e vivos* já existia de todos os tempos, e não há originalidade, realmente, sob este ponto de vista, também é verdade que a Doutrina Espírita (1857) racionalizou a prática mediúnica e deu interpretação nova aos fenômenos chamados de *além-túmulo*, tendo afastado, ao mesmo tempo, a ideia de *milagres*, e umas tantas credências que cercavam e ainda cercam as comunicações mediúnicas entre pessoas desinformadas a respeito do Espiritismo. Ainda mais: a Doutrina estabeleceu uma

classificação que nos habilita a situar as categorias de fenômenos e os diversos tipos de médiuns. Nada disto se havia feito antes do Espiritismo. Diferentemente de outras doutrinas espiritualistas, a Doutrina Espírita deu o devido valor à fenomenologia extra-terrena, porém extraiu, delas, conseqüências que jamais haviam sido imaginadas» quer na ordem filosófica, quer na ordem moral. A Doutrina forma, portanto, uma estrutura homogênea, com os seus termos, os seus conceitos, a sua metodologia. E neste aspecto exatamente estão os seus traços de característica própria, inconfundível, embora não seja original nos princípios que lhe servem de base: sobrevivência, a comunicação, o ensino do Cristo, convém frisar novamente.

Conquanto a sua motivação inicial tenha sido o elemento mediúnico, a Doutrina Espírita não se limitou ao trabalho de catalogação, que viria a tomar-se monótona ou rotineira com o tempo, mas formou, na realidade, um corpo íntegro de proposições abrangentes, justamente porque englobam inquirições e deduções filosóficas, com aplicações morais a todas as circunstâncias da vida humana. Como decorrência de seu embasamento, a Doutrina concilia a inteligência e o sentimento, a cultura e a moral, o amor e o conhecimento puro, dentro de uma síntese muito bem equilibrada.

Convém assim acentuar por isso mesmo, naturalmente repetindo o que já disse muitas vezes, que a Doutrina Espírita não veio para *ser mais* uma denominação de fé, o que significa, por outras palavras: não veio para aceitar tudo ou para concordar com o que já estava dogmatizado. A Doutrina teria de remover alguma coisa, como teria de corrigir muitas ideias e repelir muitas opiniões petrificadas. E, se assim não fosse, não teria razão de ser a sua existência. Com que objetivo, então, teriam os espíritos ditado a Codificação a Allan Kardec? Obviamente, para mudar alguma coisa, embora sem violência nem condenações. Mas não poderia adaptar-se a velhas fórmulas e crenças destituídas de fundamento.

É aqui, finalmente, que se defrontam dois critérios críticos: o externo ou objetivo e o interno ou subjetivo. A crítica externa vê apenas a expressão formal e, por isso, aponta falta de originalidade na Doutrina pelo simples fato de que seu embasamento tenha sido formado de ideias e crenças das mais recuadas na História. A crítica interna, entretanto, vê o pensamento consequente da Doutrina, sua linha de coerência, suas colocações próprias nos contextos fundamentais. A crítica formal ou externa pode apreciar ou julgar uma obra até mesmo pelo lado estético ou pela ordenação das matérias, sem descer ao conteúdo, ao passo que a crítica interna procura o pensamento legítimo, a exatidão dos conceitos, as posições da obra, os fundamentos mais consistentes. Pelo fio da crítica interna, portanto, logo se descobre que a Doutrina Espírita ensina o Evangelho, por exemplo, à luz de uma visão nova em relação às ideias antigas, mostrando o Cristo, não como simples filósofo, porém como um Messias Divino, como nos diz Kardec em *A Gênese* (capítulon.º 41). Declara a Doutrina: "Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, tudo quanto o Cristo disse e fez..." Correspondendo assim às exigências da época em que foi elaborada, a Doutrina elucidou pontos obscuros ou distorcidos,

anteriormente interpretados sem os recursos dos conhecimentos modernos.

Nesta ordem de ideias, podemos dizer tranquilamente que a Doutrina Espírita trouxe, de fato, uma con-, tribuição muito oportuna às questões atinentes à Justiça Divina, tanto quanto ao destino humano e à vida futura, com luzes novas, não há dúvida. Até mesmo no que se refere à reencarnação, crença velhíssima no Oriente, o pensamento espírita introduziu esclarecimentos que tornam esse princípio mais compatível com a justiça suprema e o próprio bom senso. Tanto assim que rejeitou a ideia da volta do Espírito em corpo de animal (metempsicose), noção admitida, não de um modo geral, mas em determinados círculos. A Doutrina, em suma, não subscreveu, ao pé-da-letra, tudo quanto já existia. E ainda nos põe diante de argumentos pelos quais podemos conciliar logicamente a **reencarnação** com o livre-arbítrio e o determinismo no processo evolutivo do ser humano.

A crítica puramente externa ou formal — repetimos de propósito — não vê os aspectos intrínsecos da Doutrina e, por isso, não descobre os pontos em que ela enriqueceu a compreensão do problema religioso e projetou as suas luzes na interpretação filosófica dos fenômenos que já existiam. A esta altura, enfim, o que interessa considerar não é a originalidade dos elementos componentes, mas o corpo da Doutrina, em si, com a sua característica própria.

MÃE-PRETA (Conto)

CELSO MARTINS

Porque meu pai fosse riquíssimo dono de engenhos e também possuísse cafezais, assim que me tomei adolescente, fui enviado para as Cortes a fim de estudar em Coimbra. Meu genitor descobriu em mim o gosto da política e, como desejasse ver-me envolvido nos negócios administrativos do Vice-Reu», encaminhou-me para a Europa onde deveria estudar Ciências Jurídicas.

Com efeito, lá vivi durante longos anos, morando não só na Metrópole mas visitando outros centros universitários franceses e alemães, conseguindo assim vasta bagagem artística e cultural.

Mas de todos os anos saudosos do meu viver — o de que me lembro bem foram as prolongadas meditações ruminadas durante frias horas da noite alta, rememorando os meus dias de criança na fazenda de meus pais. Como não tivesse irmãos, era um menino solitário, arredio, desconfiado. Embrenhava-me pelos bosques à cata de pássaros e de borboletas, comendo frutos silvestres, pescando em rios das redondezas. E quando o luar prateava o vasto sertão, porque meus pais se divertiam em saraus, bailando minuetos, foste tu, ó mãe preta, que me acalentavas, junto ao teu coração amoroso e bom, chamando-me de "sinhozinho!

Ah! Mãe preta! Quantas saudades daquelas noites de novilúnio. E tu foste a pessoa tema que me contava lendas; lendas fantásticas, de saci-pererê, de boi-tatá, de curupira, de sei mais lá o quê. E tu me relatavas fatos da África distante, tu me cantavas dolentes

canções de ninar. Teu aconchego me era refúgio. Teu carinho me era apoio. Teu amor me era arrimo. Quer nas salas desertas das Universidades, quer nos vetustos museus, quer nos laboratórios ou nas bibliotecas, eu sempre me lembrava muito de ti, mãe preta!

Um dia, homem feito, arrumei as malas e tencionei voltar ao Brasil. Não fui feliz! A nau, que me deveria devolver à terra brasileira, foi pilhada em alto mar por corsários desalmados e encontrei túmulo no oceano azul.

Meus pais choraram muito diante do ocorrido; mas tu choraste muito mais ainda. Tu verteste o pranto mais sofrido como se sofresses os flagelos do chicote ao pé do pelourinho.

E hoje, tantos anos já passados, decerto tu também já estás de regresso ao mundo espiritual. E eu ainda não te reencontrei para aquele abraço de saudade e de gratidão. Disseram-me que estás noutros planos, mais altos, aos quais, eu, embora tão culto em ciências e letras, ainda não tenho acesso!...

Conto escrito por ocasião do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil, em 13 de maio de 1988).

A PENA DE MORTE E O ENSINO ESPIRITA

DEOLINDO AMORIM

Creemos que não seria necessário citar qualquer ponto específico da Doutrina Espírita para demonstrar que ela, por natureza, é contra a pena de morte. 32 uma posição implícita. Se é uma Doutrina essencialmente *imortalista*, porque afirma a sobrevivência do Espírito e, por isso mesmo, a *morte* não é mais do que a transição do plano terreno para o plano espiritual, o que quer dizer, portanto, que não se morre; se é uma Doutrina reencarnacionista, justamente porque sua filosofia se apoia nas vidas sucessivas, cujo mecanismo de vai-e-vem oferece oportunidade ao Espírito para que repare suas faltas e até seus crimes (em muitos casos) através do retomo à Terra, enquanto necessário; se é uma Doutrina, em suma, que esposa inteiramente a moral do Evangelho, tanto assim que não teve necessidade, como -diz a Codificação, de criar moral nova, obviamente não poderia justificar e muito menos absorver a solução capital ou pena de morte, uma vez que todo o ensino do Cristo está no amor e no perdão. Estaria a Doutrina em contradição, se abrisse margem para qualquer transigência neste sentido.

É verdade que algumas interpretações, muito pessoais, chegam a entender que a pena de morte, em determinados casos, não contraria o ensino cristão. Por outro lado, em nome do interesse social, algumas vozes esporádicas defendem a pena de morte, sob a dogmática alegação de que certos tipos criminosos nunca se corrigem e, por isso mesmo, não devem permanecer nas prisões, dando prejuízo ao Estado. Já ouvimos, por exemplo, esta alegação durante um debate em que tomava parte um padre, também favorável à pena de morte, por mais estranho que pareça!... Sabemos, ainda mais, que às vezes se

invoca a autoridade ou a condescendência de teólogos da Antiguidade em defesa da pena capital. Seja como for, se nos identificarmos bem com o pensamento espírita, jamais encontraremos apoio para semelhante argumento.

E a legítima defesa? — perguntam alguns.

A legítima defesa é um problema pessoal. A instituição da pena de morte é um problema social. As reações, no ato de defender-se, são imprevisíveis, pois dependem muito das circunstâncias. Entre matar ou ser morto, a opção é variável e, além de tudo, nem sempre há tempo de pensar. Seja qual for o ângulo em que nos coloquemos, o julgamento seria difícil, senão impossível, do ponto de vista moral, pois o procedimento individual, na legítima defesa, tem relações com diversos fatores condicionantes. O temperamento, por exemplo, influi muito nas decisões repentinas. E quantas e quantas vezes somos traídos pelo nosso temperamento, até em mínimas coisas?... O sentimento de amor à família, por sua vez, pode levar um indivíduo a uma reação dolorosa e, portanto, irreparável para não deixar os filhos na orfandade. E essa atitude, embora desastrosa, não terá porventura um aspecto respeitável, conquanto que profundamente lamentável?

O estado emocional, como a experiência da vida nos demonstra a cada passo, é outro fator influente e muito grave, pois tanto pode ser agravado pelo ódio, quanto pelo medo; e já houve casos de indivíduos que mataram por medo. Ao mesmo tempo, cabe considerar que a noção de honra, segundo os valores que não são os mesmos para todos, inflamam demais a ideia de que é preferível matar ou morrer, mas nunca levar uma *desfeita* para casa. Como se vê, a legítima defesa não pode ser encarada unilateralmente, pois nela se refletem elementos diversos.

Felizes daqueles que, já tendo adquirido certos conhecimentos acerca da vida espiritual, já não tendo mais dúvida quanto ao princípio da reencarnação e tomando, por fim, a mensagem do Evangelho como roteiro da vida, naturalmente já superaram, ou poderão superar, no momento psicológico, a pressão de uns tantos fatores compulsivos. Mas o instinto de sobrevivência é inerente ao ser vivo. Seria lícito, então, entregar-se à passividade, deixando matar-se sem qualquer iniciativa defensiva? Segundo o ensino espírita, muito adequado à realidade humana, temos o dever de preservar o nosso corpo, instrumento do Espírito, como sabemos. Se nos expuséssemos impensadamente aos perigos — ressaltando-se os casos em que não há condições de evitar os desastres — estaríamos contrariando um dos mais claros princípios espíritas. Consequentemente, a displicência em relação ao corpo, seja pelos vícios, seja pela falta de prudência ou, por extravagância, é processo de suicídio, em última análise.

Configura-se, aí, o dilema da legítima defesa: a decisão extrema de matar será uma violação da lei maior, com o agravante de desrespeito à mensagem evangélica; ficar indiferente ou inativo, até que se consume o fato, oferecendo se passivamente à *morte*, não será, por sua vez, um procedimento suicida?

Há momentos, entretanto, em que faltam todos os meios de reação ou defesa. Mais uma vez temos de levar em conta as circunstâncias que envolvem cada caso, como o livre-arbítrio, até onde possível ou admissível. Além do mais, não se sabe qual é o

determinismo de uma prova difícil, cujo desfecho violento tanto pode ser uma agressão física de consequência funesta, quanto um acidente automobilístico, um desabamento, etc. Fatalidade? Esclarece a Doutrina Espírita que a fatalidade existe pela escolha que, ao reencarnar-se, tenha feito o Espírito para suportar esta ou aquela prova (O Livro dos Espíritos — questão n.º 815). Nem todos, entretanto, já têm reflexões capazes para elucidar o problema à luz da reencarnação.

Um confrade e antigo companheiro na seara espírita, excelente criatura humana, saíra de casa tranquilamente para fazer uma visita, mas foi colhido por uma bala, no meio da rua, e desencarnou poucas horas depois. Ia passando, como qualquer transeunte despreocupado, exatamente no momento em que dois inimigos discutiam, dentro de um bar, e um deles atirou, porém a bala foi alcançar, na rua, o velho companheiro, absolutamente alheio ao que estava ocorrendo. Se não existe o acaso, e se já sabemos que o passado tem repercussão no presente, somos levados a admitir alguma relação remota do acidente fatal com a vítima, naturalmente em razão de problemas anteriores, não se sabe onde ou quando. Se não foi a força do destino cego (explicação fora, evidentemente, das concepções espíritas), naturalmente o fio das circunstâncias, vinculado a compromissos do passado, teria colocado o nosso confrade no ponto onde fora atingido. Poderia ter desencarnado, também violentamente, por eletrocução ou em luta em legítima defesa, como já aconteceu com tantas outras pessoas. Quem sabe o tipo de prova em que se encontrava nesta existência? Se é verdade que nem tudo é prova, como nem tudo tem relação com o passado, pois não se pode desconhecer que o livre-arbítrio em muitos casos é o responsável por certos abusos e descuidos, também é verdade que nem o acaso nem a imprevidência explicaria a *morte* violenta nas entrelinhas de uma prova rigorosa. Não é fatalismo, é a Lei de Causa e Efeito. Quem, finalmente, encara o problema da legítima defesa pelo prisma reencarnacionista, se já meditou muito sobre o ensino evangélico, há de compreender a posição daqueles que, embora não sendo compreendidos segundo os conceitos humanos, entendem que é mais nobre morrer do que matar. Porém o assunto em tela não é bem a legítima defesa. 35 a pena de morte. Fizemos apenas uma digressão. Vamos continuar.

*

*

Entre as alegações favoráveis à pena de morte, como já dissemos, inclui-se a de que certos malfeitores ou criminosos nunca se corrigem e, por isso, devem ser eliminados sumariamente para o bem da Sociedade. Há elementos realmente incorrigíveis durante muito tempo.

Dizer, no entanto, que NUNCA se modificam, é querer *sacar* muito para o futuro. É o caso de perguntar: — E que meios foram empregados para corrigi los? Teriam recebido cuidadosa assistência espiritual? Quem porventura teria tido a paciência de conversar com esses elementos e dar-lhe esclarecimentos acerca da responsabilidade do homem perante a Justiça Divina? A Sociedade, que tem tanta preocupação com a periculosidade, teria tentado reeducá-los acertadamente?

A reclusão apenas segrega, mas, por si só, não educa nem reeduca. O fato de se deixar um indivíduo durante anos a fio entre os muros de uma penitenciária, sem esclarecimento, sem um processo adequado de reeducação, sem a mínima noção de valores que dignificam a vida perante o próximo e perante as leis divinas, sem lhes proporcionar instrumentos de reflexão e meditação, apenas afasta o indivíduo pondo-o à margem do convívio social. Mas não apaga nele o que está encoberto nas tramas de uma alma revoltada ou nas depressões de um psiquismo doentio: a agressividade de uma fera enjaulada!

Não podemos descrever da recuperação moral, por mais temível que seja o recluso. Muita gente há de se lembrar, por exemplo, do caso de Caryl Chessman, condenado à morte nos Estados Unidos» em 1948. Cometera crimes tremendos, não há dúvida, mas o certo é que, na própria prisão, durante anos e anos, à custa de leituras, encontrou a sua *estrada de Damasco* como disse o Ministro Nélson Hungria. Diga-se aqui, de passagem, que o ilustre jurista citado, ao que sempre ouvimos dizer, era um adversário implacável do Espiritismo. No entanto, a sustentação de sua tese contra a pena de morte combina inteiramente com o pensamento espírita, cuja filosofia se apóia, como todos sabem, no princípio da imortalidade da Alma e na reencarnação. Vamos ao caso. Em notável conferência no Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de S. Paulo, em maio de 1959, o Ministro e Professor Nélson Hungria discorreu longa e judiciosamente sobre o caso Chessman e, a certa altura, acentou categoricamente:

"E foi assim que Chessman pôde demonstrar que o criminoso mais fundamentalmente considerado INCORRIGÍVEL pode ser recuperado, ainda quando tenha a lastreado-lo, como a ele, Chessman, uma personalidade de fundo psicopático, em que a vontade inibidora sossobra ao ímpeto de instintos desbridados". (Eclarecemos que o relevo dado à palavra *incorrigível*, na transcrição, é de nossa iniciativa).

Ora, quem fala aí não é um diletante, é um tratadista em matéria criminal.

Condenado à pena capital, recolhido à prisão, Chessman passou a ler, e ler infatigavelmente. Tendo obtido permissão para frequentar a Biblioteca da Penitenciária e ainda uma Biblioteca Pública *devorou* diversos assuntos, espantosamente, tal a tenacidade com que procurava enriquecer-se de leituras: obras jurídicas, Sociologia, Psicologia, Criminologia, Filosofia, cultura geral. *Lia tanto* — observou o Ministro — *até que os olhos se congestionassem e seu cérebro exausto se negasse a continuar funcionando. Prolongando por 18 horas a fio o seu trabalho de cada dia, pôde escrever e dar à publicidade, até agora (1959) três impressionantes livros, que o tomaram mundialmente conhecido.*

Veja se bem: até mesmo um doente, isto é, um elemento que tenha, como Chessman, uma personalidade de fundo psicopático, pode regenerar-se, naturalmente dependendo de tempo.

É verdade que, apesar dos livros publicados e suas afanosas leituras, a Corte de Justiça não levou em consideração a profunda transformação que se operava no condenado, como notou o abalizado conferencista em sua crítica, pois houve até quem dissesse que seria melhor *atirar o Código Penal na lata de lixo, se a Justiça tivesse de*

absorver um homem *merecidamentè condenado, só pelo fato de saber escrever livros.*

Ironia aruel, não há dúvida!... Não se vê, aí, apenas o fato de ter escrito livros, como se argumentou, mas outro fato concomitante: a regeneração do homem, à força da leitura e do empenho invencível no processo intimo de sua transformação, sobrepondo-se às mazelas espirituais.

Em 1930, ainda é referência do Ministro Hungria, o Governo da Bélgica, a propósito de um relatório sobre a pena de mórte, assim se expressou:

"A experiência nos ensina que o melhor meio de ensinar a respeitar a vida humana consiste em recusar suprimir a vida em nome da Lei."

Cabe, agora, a reprodução das próprias declarações de Chessman, depois de haver encontrado a sua *estrada de Damasco*:

"Os longos anos vividos neste cadinho chamado CORREDOR DA MORTE transpuseram-se para além da amargura, para além da selvagem violência... A terapia do trabalho de fixação das ideias restituiu-me à sanidade psíquica. Escrever para mim foi um mundo. Foi mais que uma catarse. Abriu-me a possibilidade de captar e canalizar' a minha agressividade e os meus impulsos e de colocá-los ao meu serviço, ao invés de me escravizarem. Significa que, vivo, não morto, eu poderia aproveitar algo do meu passado e imprimir um caráter positivo à minha vida." (Esclarecemos que catarse é um fenômeno psíquico que funciona como descarga de tensão, justamente porque o paciente descarrega as tensões reprimidas ou os traumas para sentir-se aliviado).

Então, depois de muito estudar, tanto pensar e meditar, tanto lutar contra os seus impulsos e suas tendências delituosas, naturalmente Caryl Chessman sentiu o despontar de uma luz nova em seu mundo interior. Tendo-lhe estudado o exemplo, entre os mais expressivos destes últimos anos, o Ministro Néelson Hungria reafirmou a sua tese, contrária à pena de morte, nos seguintes termos:

"Entre todas as medidas até agora aventadas para contenção do crime, a mais estúpida e irracional é a pena de morte".

Poderíamos parar por aqui, porém o assunto ainda permite algumas considerações.

* * *

Queremos crer que os apologistas da pena de morte em *defesa da Sociedade* naturalmente já devem ter observado que esta situação (se é que se pode chamar assim) sempre íoi muito inoperante no tempo e no espaço. Até hoje a pena de morte não melhorou Sociedade nenhuma. A experiência nô-lo demonstra sem muito esforço. Nos países que a prescrevem com toda a chancela de legalidade sempre houve e continua havendo crimes, vícios e falsidades, desafiando o espantelho do fuzilamento, da cadeira elétrica ou da câmara de gás mortífero. Logo, a pena de morte não impede nem reduz a criminalidade, pois, se realmente tivesse efeitos impeditivos, não haveria tanta repetição de crimes, e dos mais horrendos! Não é, portanto, uma solução social.

Deixando de lado as versões jurídicas e sociais, pois o que nos interessa mais de perto é a luz que a Doutrina Espírita projeta sobre o assunto, devemos levar em conta, antes de tudo, uma premissa fundamental: nenhuma instituição humana é perfeita, claro que as

Cortes de Justiça, por mais soberanas e veneráveis que sejam, estão sujeitas a erros. E a História, tanto quanto a vida cotidiana, nos apontam muitos casos de erros judiciais, alguns ainda reparáveis, e outros, não. Além do mais, a pena de morte, em determinadas situações, pode servir de instrumento político, à disposição do Poder, para eliminar adversários. Acima de todas as conjecturas, entretanto, há-de prevalecer um princípio inalienável: Deus é o Criador da vida, e ninguém, por isso mesmo, tem o direito de extingui-la, ainda que não possa matar o Espírito; mas o golpe violento, que faz cessar a vida biológica, interrompe o curso de uma prova ou de uma experiência do Espírito. É uma interferência brutal dos desígnios divinos por abuso do livre-arbítrio. Somente Deus, em sua Sabedoria, é que sabe quando deve terminar a vida terrena.

É ainda ensino espírita: não se extingue o mal com a destruição do corpo, uma vez que o ódio e o sentimento de vingança continuam a inflamar a influência dos inimigos desencarnados. O mal só poderá desaparecer quando o Espírito toma consciência de seu verdadeiro estado e entra no caminho do bem. É inútil, por todos os motivos, pretender "purificar" uma Sociedade com a simples e primieira adoção de meios sumários de destruição da vida humana.

Melhora-se a Sociedade pela educação, pela predominância dos valores espirituais; pela equitativa distribuição de justiça, sem discriminação social, pois todos são seres humanos; pela extirpação das raízes da miséria material, responsável por muitos desvarios, por muitos procedimentos violentos. A miserabilidade social repercute muito na moralidade. E a pena de morte não resolveria nenhuma problema, muito menos desta ordem. É bom recordar aquilo que diz a Doutrina Espírita: "A pena de morte desaparecerá, e sua supressão marcará um progresso da Humanidade" (Livro dos Espíritos — questão 760). Cedo ou tarde, não importa quando, terá de desaparecer, por força do progresso. Mas a criminalidade tem muito que ver com a desorganização social. Neste particular, podemos dizer, tranquilamente, que a ação humanitária do movimento espírita no Brasil, procurando atacar a miséria a fim de reerguer o homem, apresenta um saldo de realizações apreciáveis. Muitos e muitos indivíduos, marginalizados pela sociedade, nas prisões ou nas favelas, já foram reeducados pela palavra espírita e pela assistência compreensiva e constante. Ainda em maio de 80, tivemos ocasião de apreciar os trabalhos de um Encontro de Delegados de Polícia, de Araçatuba (São Paulo), exatamente porque este seminário de delegados (a maioria composta de espíritas) estava debatendo o tema da criminalidade com vista à colaboração do trabalho espírita nas prisões, nos morros, etc. É, realmente, um trabalho positivo.

ALCOOLISMO

CELSO MARTINS

Quando se fala em drogas e em tóxicos, muitos só pensam na maconha, na morfina, na heroína, coisas assim. Quando eu era ainda rapazola, pensava-se logo no LSD pois era a época dos *hippies*, das mocinhas de míni-saia, fumando, na garupa das lambretas

barulhentas pelas ruas da cidade. Hoje, diante do noticiário policial da TV, pensa-se em tiroteios entre a polícia e os traficantes nos bairros mais pobres da comunidade nas grandes e médias metrópoles, pensa-se também na máfia internacional, triste prova de que ainda somos um mundo atrasado e que a nós compete a tarefa de contribuir para a sua melhoria social e moral.

Quando se fala em drogas e em tóxicos, muito pouca gente pensa no álcool. Todavia, é ele, o álcool, um tóxico, uma droga amplamente difundida em quase todas as camadas sociais, inclusive nos países do bloco soviético.

Creio seria chover no molhado se eu voltasse a arrolar todos os malefícios que ele acarreta no organismo, desorganizando o aparelho digestivo, o sistema nervoso, levando o alcoólatra à cirrose hepática, à loucura, aos desvarios passionais, aos desastres rodoviários, terminando seus tristes dias no hospício, nos presídios, morrendo precocemente num autêntico suicídio lento e inconsciente, depois de arruinar todo o equilíbrio familiar.

À luz do Espiritismo, porém, o assunto ganha maiores dimensões.

Por detrás de um pobre irmão beerrão encarnado quase sempre está outro irmão beerrão desencarnado, um ou mais parceiros espirituais que vampirizam a vítima carnal. O infeliz pensa que bebe sozinho, no entanto por sua goela Espíritos sofredores bebem também porque ainda presas do vício nefando. Além disto, os efeitos deletérios da cachaça (ou do uísque) vão além da esfera orgânica. Alcançam os centros vitais do perispírito — o corpo fluídico do Espírito — de modo que quem bebe nesta presente encarnação, de tal maneira e em tal intensidade lesa este corpo perispiritual que na outra encarnação terá um corpo material enfermigo, cujo fragilidade a Genética não saberá explicar porque a Ciência oficial não leva em conta os ascendentes, os precedentes, os motivos reencarnatórios ao longo das vidas sucessivas.

Termino este comentário com este testamento deixado por um irmão dado ao vício de beber e que faleceu (desencarnou) em Nova Iorque:

1.º) Deixo à Sociedade um caráter detestável, um exemplo funesto e uma memória odiosa; 2.º) Deixo aos autores dos meus dias a dor que não sei como poderão suportar por estarem em idade avançada; 3.º) Deixo a meus irmãos e irmãs a vergonha e o sentimento que lhes cansei com o meu modo de viver; 4.º) Deixo à minha esposa um coração quebrantado e uma viuvez de tristezas; 5.º) Lego a meus filhos apenas pobreza, ignorância, embrutecimento e a triste lembrança de que o pai morreu vítima do maldito vício da embriaguez.

* ♦ *

Amigos leitores, muitos beerrões são assim porque não têm coragem e/ou condições para enfrentar seus problemas íntimos, suas frustrações, seus dramas existenciais. Não encontraram um amigo para lhes dar a mão na forma de apoio fraternal sincero. Um ombro onde pudessem chorar as suas mágoas. Uma prece para auxiliá-los contra o assédio de entidades sofredoras do Plano Espiritual inferior.

Vamos ajudá-los a solucionar os seus problemas inquietantes com a luz e a paz da Doutrina Espírita. São todos eles, inclusive os desencarnados que os vampirizam, nossos

irmãos queridos. Merecem o nosso amor!